

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

DUCINÉIA TAN HUARE

**LÉXICO REMANESCENTE UMUTINA -
REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DE SEUS LEMBRANTES**

CÁCERES- MT
2015

DUCINÉIA TAN HUARE

**LÉXICO REMANESCENTE UMUTINA -
REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DE SEUS LEMBRANTES**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação *strictu Senso* em linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em linguística, sob a orientação da professora Dr.^a Valéria Faria Cardoso-Carvalho

CÁCERES-MT
2015

Tan Huare, Ducinéia.

Léxico remanescente Umutina: repertório linguístico de seus lembrantes./Ducinéia Tan Huare. Cáceres/MT: UNEMAT, 2015.

98f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

Orientadora: Valéria Faria Cardoso Carvalho

1. Língua umutina. 2. Línguas indígenas. 3. Vocabulário bilingue – Umutina – Português e Português – Umutina.. I. Título.

CDU: 81'374(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

DUCINÉIA TAN HUARE

**LÉXICO REMANESCENTE UMUTINA -
REPERTÓRIO LINGUÍSTICO DE SEUS LEMBRANTES**

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. VALÉRIA FARIA CARDOSO-CARVALHO

UNEMAT - ORIENTADORA

PROF. DR. ANGEL HUMBERTO CORBERA MORI

UNICAMP

(CONVIDADO)

PROF. DR. ALBANO DALLA PRIA

UNEMAT

PROF^a. DR^a. JUDITE GONÇALVES DE ALBUQUERQUE

UNEMAT

(SUPLENTE)

Aprovada em: ____/_____/____

Ao povo Umutina, guerreiros que tem ultrapassado com garra e resistência toda a forma de opressão para firmarem sua expansão social e cultural.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela sabedoria, por todas as minhas conquistas pessoais e profissionais, e por ter colocado em minha vida pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização deste mestrado e desta dissertação. A estas pessoas externo aqui meus sinceros agradecimentos.

À comunidade Umutina pelo apoio e colaboração para a realização deste trabalho, meu muito obrigada.

Em especial ao senhor Joaquim Kupodonepá e ao senhor Antonio Uapodonepá que colaboraram diretamente na informação dos dados, meu muito obrigada.

À Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC), que me permitiu a exclusiva dedicação para a realização deste trabalho.

À professora Dra. Valéria Faria Cardoso-Carvalho, minha orientadora, pela preciosa colaboração e empenho na orientação deste trabalho.

Meu agradecimento especial à coordenação do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade Estadual de Mato Grosso da cidade de Cáceres.

Ao meu esposo Adenil Apodonepá Boroponepá pelo companheirismo e apoio ao meu estudo.

Ao professor Dr. Angel Corbera Mori e ao professor Albano Dalla Pria pelas sugestões apontadas durante o Exame de Qualificação.

À professora Dra. Mônica Cruz pela constante colaboração e fornecimento de material bibliográfico para a realização deste trabalho, obrigada professora!

Aos meus colegas de mestrado: Mileide, Tereza, Euzélia, Jane, Izaildes, Bruna, Jucinéia, Amilton, Juliany, Karine, Erisvânia, Verônica, Cristiane, Gislaine, Alessandra, Enilce, Claudia, Graciane e, em especial, a minha amiga Marli Oenning que sempre esteve ao meu lado me ajudando nas minhas dificuldades, meu muito obrigada!

A meus pais Clarindo e Dirce, pelo amor e incentivo ao estudo, amo vocês!

As minhas queridas irmãs: Débora, Clicia, Silene, Simone, Carine e aos meus queridos irmãos Cleomar e Itamar pelo apoio e companheirismo, meus irmãos amados!

As minhas queridas sobrinhas: Isabel, Sara, Taila, Milene, Minikama, Niwara, Tami e queridos sobrinhos Eliedén, Israel, Miguel, Hainoan, David, Almatari, Tawan, Tales, Sairon Miguel, obrigada pelo carinho, amor e respeito, amo vocês!

Aos meus colegas professores indígenas da escola Julá Paré: Edna, Eliane, Clicia, Eneida, Alice, Rosinete, Alessandra, Roseli, Jairton, Filadelfo, Marcio, Osvaldo, Luizinho, Valdevino, Silvinho, Cleomar, Laércio por me apoiarem e compreenderem a minha ausência.

Por fim, um agradecimento especial a todos aqueles que acreditaram em mim, na minha capacidade em chegar até aqui, meu muito obrigada!

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar o léxico remanescente da língua umutina propondo um vocabulário bilíngue (Umutina-Português e Português-Umutina) que compreende um acervo lexical da língua e da cultura Umutina, como forma de fortalecimento e registro dessa língua, e ao mesmo tempo, ao ensino da língua materna na escola como apoio de material didático. E, está vinculado a linha de pesquisa - descrição e análise de línguas, instituição e ensino. Os Umutina têm como língua materna o português e como segunda língua, a língua umutina. O presente trabalho inclui o povo Umutina, no qual expomos o histórico de vida, aspectos linguísticos e culturais, a escola Umutina, o perfil dos professores Umutina, ensino da língua materna e também apresentamos os princípios teóricos da lexicografia e lexicologia, algumas considerações sobre dicionário bilíngue. Esclarecemos o procedimento da estruturação do vocabulário Umutina-Português, bem como do Português-Umutina, como a macro e microestrutura, entrada dos verbetes colocando em prática a técnica lexicográfica, a fonética e fonologia da língua umutina, além das classes de palavras utilizadas na língua umutina. Para tanto, Como suporte teórico da lexicografia utilizamos autores como: Welker (2004), Caldas (2009), Ferreira (2005), Borba (2003).

Palavras-chave: 1. Vocabulário; 2. Língua umutina; 3. Vocabulário bilíngue; 4. Línguas Indígenas.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the remaining lexicon of language umutina proposing a bilingual vocabulary (Umutina-Portuguese and Portuguese-Umutina) that comprises a collection of lexical language and culture Umutina, as a way of strengthening and record of this language, and at the same time, the teaching of the mother tongue in school as well as support of didactic material. And is linked to the line of research - description and analysis of languages, institution and teaching. The Umutina has as mother tongue portuguese and as a second language, the language umutina. The present study includes the people Umutina, in which we present the historical of life, linguistic aspects and cultural, the school Umutina, the profile of teachers Umutina, teaching of the mother tongue and also we present the theoretical principles of lexicography and lexicology, some considerations about bilingual dictionary. Clarify the procedure of structuring the vocabulary umutina-portuguese, as well as the portuguese-umutina, as the macro and microstructure, entry of record sheets by putting into practice the technique lexicographical order, the phonetics and phonology of language umutina, in addition to the classes of words used in the language umutina. Therefore, as theoretical support of lexicography we used authors as: Welker (2004), Caldas (2009), Ferreira (2005), Borba (2003).

Keywords: 1. Vocabulary; 2. Language umutina; 3. Bilingual vocabulary; 4. Indigenous languages.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Algumas Palavras retiradas de Schmidt (1941).....	33
Quadro 2: Vocabulário de Palavras Umutina Publicado por Schultz 1962.....	34
Quadro 3: Comparação de descrições Fonológicas Consonantais da Língua Umutina..	37
Quadro 4: Comparação de Descrições Fonológicas da Língua Umutina.....	38
Quadro 5: Fones e Grafemas Consonantais dos Umutina.....	39
Quadro 6: Fones e Grafemas Vocálicos Umutina.....	40
Quadro 7: Inventário das consoantes.....	41
Quadro 8: Inventários dos sons vocálicos.....	44
Quadro 9: Fonemas consonantais.....	46
Quadro 10: Fonemas vocálicos.....	47
Quadro 11: Nomes inalienáveis.....	48
Quadro 12: Nomes alienáveis.....	48

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Mapa do Território Indígena Umutina.....	25
Mapa 02: Mapa de localização da Terra Indígena Umutina.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC: ação concluída

ADJ: adjetivo

ADV: advérbio

ANC: ação não concluída

CEFAPRO: centro de formação e atualização dos profissionais de educação básica.

EFL: ecossistema fundamental da língua

FUNAI: fundação nacional do índio

MA: meio ambiente

N: nome

P: povo ou população

PI: posto indígena

SEMEC: secretaria municipal de educação e cultura

SPI: serviço de proteção ao índio

T: território

UFMT: universidade Federal de Mato Grosso

UFSCAR: universidade Federal de São Carlos

UNEMAT: universidade do Estado de Mato Grosso

V: verbo

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE QUADROS

LISTA DE MAPAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO	14
1 SOBRE O POVO UMUTINA	17
1.1 Informações históricas sobre o povo Umutina	17
1.2 Casas construídas na época de Marechal Rondon	24
1.3 Localização geográfica e demografia	25
1.4 Os Umutina na atualidade	27
1.5 Festas e comidas tradicionais	28
1.6 A Escola Umutina e o perfil dos professores Umutina	29
1.7 O Ensino da Língua Materna na Escola <i>Jula Paré</i>	31
2 DA LÍNGUA UMUTINA.....	33
2.1 Publicações sobre a língua umutina.....	33
3 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS UMUTINA	38
3.1 Fonemas da língua Umutina.....	38
3.1.1 Fones e os grafemas da língua umutina.....	40
3.1.2 Inventário fonético umutina	41
3.1.3 Aspectos fonológicos da língua umutina.....	47
3.1.4 Acentuação gráfica	48
3.2 Da morfossintaxe umutina.....	49
3.2.1 Classe de palavras.....	49
4 A LEXICOGRAFIA E A LEXICOLOGIA.....	54
4.1 Léxico	55

4.2	Vocábulo.....	56
4.3	Palavra	56
4.4	Lexia	56
4.5	As aplicações de um modelo lexicográfico	57
4.6	Dicionário e vocabulário	57
4.7	Dicionários bilíngues.....	58
4.8	Classificações dos dicionários bilíngues: abrangência, perspectiva e apresentação	58
4.9	A Macroestrutura.....	59
4.9.1	A Microestrutura	59
5	ESTRUTURAÇÃO DO VOCABULÁRIO	60
5.1	A Macroestrutura.....	60
5.2	A Microestrutura	60
5.3	Forma dos verbetes.....	61
5.4	Organização tipográfica das entradas	61
6	VOCABULÁRIO UMUTINA – PORTUGUÊS	63
7	VOCABULÁRIO Português – Umutina	77
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
	ANEXOS	93
	Anexo A: Termos de consentimento livre dos colaboradores da pesquisa da Língua umutina.....	94
	Anexo B: Parecer do CNPq.....	97
	Anexo C: Documento de autorização da Funai para pesquisa em Terra Indígena Umutina....	99

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em variedades linguísticas e culturais, constituído de várias etnias indígenas e não indígenas. Nesse contexto da presença de várias etnias indígenas presentes no território brasileiro, é que se encontram os Umutina, um povo forte e guerreiro, que em meio às lutas de sobrevivência permanecem vivos buscando a autoafirmação cultural e linguística em seu território.

A língua Umutina pertence ao tronco linguístico Macro-Jê da família Bororo que agrupa nove famílias linguísticas: Bororo, Krenak, Guató, Jê, Karajá, Maxakali, Ofayé, Rikbatsa e Yatê. O povo Umutina é monolíngue em português e tem a língua Umutina como segunda língua, em processo de aprendizagem e aquisição. O povo Umutina tem como L1 o português não porque queiram, mas porque foi obrigado a falar a língua do Estado, a língua majoritária. É somente com a constituição de 1988, que o governo brasileiro dá o direito novamente aos indígenas de falarem suas línguas maternas. É nesse cenário, então, que a comunidade, professores e jovens indígenas sentem um novo recomeço, a valorização da língua, e a trabalhar a revitalização da língua junto aos anciãos Umutina: Julá Paré, Joaquim Kupodonepá e Antonio Uapodonepá, por entender que a língua é um elemento essencial na vida do ser humano, por expressar seus sentimentos, opiniões, desejos e sua visão de mundo.

Nesse sentido, propomos trabalhar o léxico remanescente umutina, com realização de um vocabulário bilíngue Umutina-Português e Português-Umutina que compreende num acervo lexical da língua e da cultura, como forma de fortalecimento, de ampliação do registro dessa língua ameaçada de extinção como muitas outras línguas indígenas que desapareceram ao longo do contato com os não índios. E, ao mesmo tempo, voltado ao ensino da língua materna nas escolas da aldeia, como material didático de apoio e preservação da identidade linguística e cultural desse povo. Acreditamos que este trabalho também possa trazer mais conhecimento sobre o tema para a Educação Escolar Indígena para a área da linguística e de outros pesquisadores, contribuindo para o conhecimento sobre as línguas indígenas ainda existentes no Brasil.

O vocabulário foi organizado em ordem alfabética, trazendo informações fonéticas, classe de palavras (nome, adjetivo, verbo, advérbio), tradução em português e o nome científico somente dos animais e plantas encontrados na língua umutina.

Este trabalho está organizado em sete seções, sendo a primeira seção “Sobre o povo Umutina”, na qual expomos sobre o contexto histórico, localização, aspectos linguísticos e

culturais, sobre a escola Umutina, perfil dos professores Umutina, o ensino da língua materna na escola Julá Pará e a pesquisa linguística. A segunda seção traz informações sobre as publicações previamente existentes sobre a língua umutina. Para elaboração desta seção tivemos como referência Schmidt (1941), Schultz (1962), Arruda (2003), Lima (2005), Cruz (2012) e membros da comunidade Umutina. A terceira seção traz o aspecto linguístico Umutina: a fonética e a fonologia da língua umutina, acentuação e a classe de palavras maiores: nome, adjetivo, verbo e advérbio. A quarta seção trata da lexicologia e lexicografia e sobre algumas teorias atuais sobre a constituição e funcionalidade de um dicionário e dicionários bilíngues. A quinta seção apresenta a estrutura do vocabulário Umutina-Português: a macroestrutura, microestrutura, a forma dos verbetes. A sexta seção apresenta o vocabulário Umutina-Português. A sétima seção traz também, o vocabulário Português-Umutina. Por fim, após as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas, inserimos, em Anexos, documentos comprobatórios expedidos para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat, com os quais ficam comprovado a aprovação: dos colaboradores da pesquisa; da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), bem como, com o Parecer favorável do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a respeito do, ainda, denominado Projeto de Pesquisa intitulado “Contato linguístico: situação da língua umutina”.

A nossa pesquisa linguística sobre o léxico umutina é baseada numa metodologia de trabalho de campo que foi realizada no território Umutina, localizado a 15 quilômetros do município de Barra do Bugres, (Estado de Mato Grosso – Brasil). A coleta do léxico Umutina foi realizada durante os anos de 2013 e 2014, na casa de dois colaboradores anciãos Umutina, considerados os únicos conhecedores da língua mãe (umutina) e que se prontificaram a ajudar na pesquisa da língua. Apresentamos, desde já, os nomes de nossos colaboradores, os senhores umutinas: Antonio Uapodonepá (97 anos) e Joaquim Kupodonepá (87 anos).

Os dados da língua foram coletados no período da manhã, período que os colaboradores escolheram, momento em que se sentiam mais à vontade. Para complementar os dados linguísticos buscou-se vocábulos coletados por Schmidt (1941), Schultz (1962), Lima (2005) e Cruz (2012).

Para a realização da coleta dos dados linguísticos, utilizamos a Lista de Palavras *Max Planck*¹. A técnica de coleta teve por base a gravação de dados linguísticos que foram

¹ Disponível em : <http://email.eva.mpg.de/~haspelmt/lwt-meanings.htm#13>

transcritos foneticamente e escritos ao mesmo tempo. Foi utilizado também um questionário de coletas sobre o nome dos animais e plantas que há no território, ou seja, que faz parte de seu ecossistema. E durante a coleta de dados, utilizamos o vocabulário de Schmidt, Schultz para verificar aspectos fonéticos relativos aos dados linguísticos já coletados e tratados pelos autores supracitados.

Na introdução fizemos uma explanação de como está constituído a presente dissertação e, sobre a pesquisa linguística. A seguir faremos uma apresentação sobre o povo Umutina.

1 SOBRE O POVO Umutina

Nesta seção, apresentamos informações sobre a trajetória vivida pelo povo Umutina, tendo por base os trabalhos de Schultz (1962), Schmidt (1941), Lima (2005), Cruz (2012) e indígenas da comunidade Umutina. As informações históricas vão desde os primeiros contatos desse povo com a sociedade não índia até a atualidade, focalizando em aspectos geográficos, culturais, linguísticos e de ensino de língua materna², com o perfil de seus professores.

1.1 Informações históricas sobre o povo Umutina

Segundo as informações etnográficas sobre o povo Umutina (Schultz, 1962), é a partir de 1797, em que aparecem as primeiras informações a respeito deste povo, feitas por Ricardo de Almeida Serra:

O pequeno rio cabaça!, também aurífero, entra no Paraguay pela mesma margem de oeste, três léguas inferiormente a foz do Seputuba. Neste ultimo rio vive a nação de índios barbados, mansa e valente, assim chamada por ser a única nação deste distrito que, tendo copiosas barbas se distinguem das outras nações. (SERRA apud SCHULTZ, 1962, p.75)

Os antigos Umutina afirmavam que “antigamente” moravam nas margens do Rio Sepotuba (Kepó), afluente do médio rio Paraguai, tendo muitas aldeias e extensos roçados. Após a invasão daquelas terras pelos civilizados³, subiram o rio Paraguai, para fugir dos ataques dos “civilizados”, dizendo que às vezes eram forçados a deixarem suas terras tão repentinamente que nem podiam levar os bens, nem tampouco as mudas de suas roças. Fizeram suas aldeias na foz e nas margens do rio dos Bugres (helatinopoparé), afluente do alto rio Paraguai.

Pode-se admitir que os Umutina, em tempos históricos, vieram do médio rio Paraguai, das imediações do rio Sepotuba, e se deslocaram, no século passado (sem saber a

² A língua umutina é tida como a língua materna.

³ Civilizados eram os homens brancos, termo muito utilizado nos documentos anteriores por esta produzir o discurso positivista de branco x selvagem.

data exata), subindo o rio Paraguai, cedendo à pressão dos neobrasileiros⁴. Segundo Schultz (1953 p.7), os Umutina do alto Paraguai eram chamados de “barbados” pelos brancos, por causa do cavanhaque que deixavam crescer e que não eram muito conhecidos pelos não índios. De acordo com Schultz (1962, p.76), após a invasão de suas terras pelos civilizados os Umutina subiram ao rio Paraguai, para fugir dos ataques dos civilizados e eram forçados a abandonar seus roçados e a deslocar continuamente, pois suas terras eram alvos de várias invasões. Tais depoimentos ratificam também as informações da ocupação anterior do grupo no médio Paraguai.

No ano de 1862, têm-se já os dados indicadores da fixação destes índios nas margens do rio Bugres, afluente do alto Paraguai, conforme as notícias de Leverger:

3 léguas mais abaixo, entra pela margem direita, um riacho de canoa a que alguns chamam rio Branco, outro rio dos Bugres ou dos Barbados e também Tapirapoan. Nas cabeceiras deste riacho, está o aldeamento dos índios barbados. Seu Número anda por 400. Sustentam-se de caça, da pesca, dos frutos espontâneos dos solos e de milho, mandiocas, batatas, e carás que plantam, cultivando a terra com instrumentos feitos de pedras, e de madeira de cerne. Vivem em paz com outras nações indígenas. Posto que, pouco distante de nossas povoações, nunca tiveram nem procuraram ter relação conosco. (LEVERGER apud SCHULTZ, 1962, p.77)

Desciam às vezes até a margem do Paraguai. Sempre ocorria o ataque às canoas que iam do Diamantino para Villa Maria e, se não hostilizam mais frequentemente, é por medo de armas.

Já no final do século XIX, ocupavam a área compreendida entre o rio Bugres e o Paraguai. Supõe-se, além disso, ser a bacia do Paraguai o ponto de referência máximo desses índios, desde épocas imemoriais, a julgar-se pela presença constante desse rio em seus relatos e lendas.

Em 1911, implantou-se Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão criado pelo governo, responsável em “cuidar dos índios “cuja política era acabar com a língua e suas tradições culturais para que o índio tornasse “civilizado” e assimilasse a cultura dos não indígenas, consolidando assim o contato do povo Umutina com os não índios no ano de 1912. Em sua tese Cruz (2012) cita as informações de Schultz (1962) afirmando que o contato dos Umutina ocorreu na época da exploração da poaia, em Mato Grosso. Registros históricos trazem Antonio Pires como primeiro explorador a adentrar na região, em busca de índios para

⁴ Neobrasileiros eram também os não índio.

escravizar, depois vieram os extrativistas, que em busca da poaia⁵, planta nativa abundante nas terras indígenas, fixaram na região, levando os Umutina abandonarem suas aldeias localizadas à margem do rio Bugres e Paraguai.

Com a fundação do município de Barra do Bugres-MT e também o altíssimo preço da poaia na época, por ser exportada para a Europa, aumentaram mais o interesse econômico pela poaia, na qual os seringueiros invadiram o último reduto, incentivando, inclusive, os comerciantes a patrocinarem grupo de chacina contra os índios Umutina. Esse conflito durou muitos anos, tendo fim somente quando a comissão Rondon trouxe a linha telegráfica da estação Paresi para Barra do Bugres-MT, em 1912. Nessa época, Rondon mandou construir o posto fraternidade indígena no território Umutina dando início a pacificação dos Umutina. O processo de pacificação trouxe consequências desastrosas para esse povo, com a chegada do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), vieram as epidemias e doenças, tais como pneumonia, sarampo e coqueluche, o que levou a quase dizimação dessa população indígena. Com o passar dos anos, em 1919, os índios foram acometidos por uma forte epidemia que vitimou 1/3 da população, conforme o relatório do SPI de 1920, Schultz (1962, p.85)

Os Umutina, muito susceptíveis ao contato com o não índio, foram progressivamente aderindo ao posto do SPI. Em meio às doenças que os acometiam, o grupo passou de bravo para ativo à frágil desagregado. O posto indígena de atração foi deslocado em poucos quilômetros, por fins estratégicos de contato, para uma localidade chamada Humaitá (antiga aldeia do povo Umutina). Os órfãos, jovens solteiros e velhos enfermos, em grande maioria na maloca da mata foram levados pelos funcionários do SPI a fim de residirem definitivamente no posto indígena.

De acordo com Lima (2005, p.17), os índios do posto indígena passaram a viver num regime diferente do que estavam acostumados e, por imposição de um chefe Otaviano Calmon, ficaram impossibilitados, sob ameaça de castigo, de falarem a língua materna e de realizarem suas festas e rituais. E foi assim que em um período relativamente curto, abandonaram muitos dos costumes culturais. Em trinta anos de contato, os Umutina residentes no posto indígena perderam boa parte dos seus costumes tradicionais. Os próprios Umutinas relataram esse fato vivido por eles, ao afirmarem que os índios Umutina se entregavam a uma tristeza profunda e passavam várias noites a chorar a perda dos parentes, costume proveniente do culto aos mortos, que ainda entre a década de 1930 até meados de 1940, era praticado

⁵ Poaia é uma erva medicinal encontrada no território Umutina, conhecida também como *ipecacuanha*.

pelos índios da mata. Por outro lado, o chefe Otaviano Calmon foi um primaz administrador, florescendo o patrimônio indígena e a economia local, proporcionando aos índios quase completa autonomia de bens e serviços provenientes da cidade mais próxima, Barra do Bugres-MT.

Em relação à arte material dos Umutina, era muito rica. O adorno e indumentária eram marcadas pela riqueza de plumária. Usavam grandes brincos de penas variadas e coloridas, com uma altura a alcançar os ombros. Foi registrado um distintivo tribal, *xuaré* na língua materna. Este consistia em um penacho de pena de arara vermelha e de mutum afixadas em resina, aplicado na face extrema do braço superior. Era costume corte de cabelo rente, para as mulheres, enquanto, para os homens, mantinham-se os cabelos compridos, fazendo-se com eles um coque no alto da nuca. O homem usava o estojo peniano, tirando-o apenas para o banho de rio e para suas necessidades primárias. A pintura corporal também era praticada pelos índios. Coloriam seus corpos apenas com jenipapo e urucum quase que diariamente.

Os Umutina eram conhecidos pelos não índios como “barbados” pelo fato de usarem barbas longas, assim como cabelos compridos. As mulheres deixavam os cabelos crescerem e logo eram cortados pelos jovens com estes eram confeccionados colares para o uso masculino. As mulheres e as crianças andavam com muitos ornamentos e tinham o corpo despedido somente da cintura para cima, que era coberto por muitos colares de dentes e grandes brincos de penas coloridas. As mulheres e os meninos usavam constantemente saia de fios de algodão coloridos com tinta de urucum. Os homens, após a infância, faziam o uso do enfeito labial. Este apresentava o formato de um prego, confeccionado com caule de algumas plantas. O enfeito era colocado num orifício abaixo dos lábios inferiores.

A agricultura tradicional dos Umutina baseava-se no cultivo do milho, feijão fava, mandioca, abóbora, brava, cará e pimenta do mato. De acordo com José Felisberto kupodonepá era praticado grande ritual de culto aos mortos (*adoê*). Este acontecia na temporada de amadurecimento do milho que era composto de várias cerimônias. Praticavam a caça e a pesca com timbó, alimentação mais importante depois da lavoura. A caça representava uma alimentação secundária para os Umutina.

Os Umutina eram tecelões, ceramistas e também praticavam o trançado, porém, era um trabalho exclusivamente das mulheres que trançavam redes de fio de tucum para a pesca do timbó, esteira de fibra de buriti para dormir, sentar ou servir como objeto mortuário,

peneiras, cestos para transporte e guardar alimentos e outros objetos. Além do trançado, teciam com fios de algodão a saia tubular feminina, denominada “*ametá*”.

Aos homens cabia a tarefa de confeccionar o arco, flecha e outros instrumentos de guerra e caça. Além de tecelões, fabricavam, também, algumas cerâmicas, como panelas (*purukupu*) e potes de barro, cuja técnica era bastante primitiva. Os arcos e flechas eram bastante rústicos, sendo que o arco alcançava a altura de um índio Umutina adulto.

O ritual do culto aos mortos, chamado *adoé* era a maior manifestação religiosa entre os Umutina. Os festejos, que começavam durante a estação chuvosa e por ocasião da colheita do milho verde, duravam de cinco a seis semanas constituídos de 17 danças rituais, assim denominadas:

1. *Mixinosê, Mixinotó ou Mixino Pupurína* (Velho da esteira, ou esteira velha);
2. *Manixúarê*, dança com flautas sagradas e caça da anta;
3. *Bakuré*, dança sobre as esteiras;
4. *Yúri* (subcerimonial do Bakuré);
5. *Katamã*, martim- pescador (subcerimonial do Bakuré);
6. *Akakôna*, dança guerreira (subcerimonial do Bakuré);
7. *Hatóri*, dança com máscaras grandes;
8. *Atilákakáno*, carregando estandartes com símbolos de peixes;
9. *Húpzê*, os irreverentes cágados;
10. *Jekirinó*, as andorinhas;
11. *Lórunó*, dança com máscaras de cabelo;
12. *Hapuyána*, dança com aros de palha;
13. *Yatáribú*, cerimônia com canto e estribilho;
14. *Batóri*, com máscara de rede de pescar sobre o rosto e flagelo de feixe de talo de buriti;
15. *Arixinó*, dança com símbolos, disco de palha, representando caça;
16. *Yupuriká*, dança com as flautas Zarinimbukwá;
17. *Boiká*, dança do arco. (SCHULTZ, 1962, p.258)

Nos dias atuais permanecem somente oito danças culturais citadas acima: *Mixinosê, katamã, Jekirinó. Yuri, Boiká, Akakôno, Pikurina e Lorunó*. Essas danças são realizadas mais pelos jovens e crianças da comunidade. As demais danças não são mais praticadas.

Antigamente participavam das danças rituais somente os índios que assistiam os funerais de algum parente no último ciclo anual. Eles representavam ou encarnavam o espírito

ou vários espíritos do morto, durante os ritos. Cada dança tinha um significado específico e os dançarinos se apresentavam com indumentárias, canções e coreografias variadas.

As casas dos antigos Umutina eram as malocas construídas em áreas altas, livres de enchentes e enxurradas. Mudavam de casa sempre que estava velha e estragada, embora algum tempo, continuassem a frequentá-la, para visita rotineira às sepulturas dos parentes, enterrados dentro da maloca. Os mortos antes de ser enterrados, eram enrolados em esteira de buriti. Em relação ao casamento Umutina, o homem passava a morar na casa da esposa, junto aos familiares da mulher. As mulheres de uma mesma casa eram parentes consanguíneos. Na mesma casa, chegavam a morar quatro gerações. A casa e a lavoura era propriedade da mulher. E quando a esposa falecia, o viúvo contraía novas núpcias, os filhos ficavam aos cuidados dos familiares da esposa morta.

De acordo com Arruda (1995, p.89), no ano de 1934, chegaram para habitar o território Umutina, 34 índios da etnia Paresi, da região de Utiariti para morar juntamente com os índios Umutina. A determinação surgiu do coronel Marechal Rondon, relatado por Calmon, antigo “chefe do posto” que era responsável pela administração da aldeia na época do SPI, em que os índios estavam em situação de miséria total, entretanto, o posto, apesar de tudo, estava em melhores condições. Em nenhum momento da documentação analisada, houve qualquer menção que esta ação poderia ser prejudicial aos Umutina ou aos próprios Paresi, seja enquanto afastamento de suas terras e quanto ao desconhecimento dos costumes e especificidade de cada etnia envolvida. Segundo relato do senhor Deonísio Uapodonepá, índio Umutina, os Paresi que chegaram nesta época foram: Antônio Paresi, Emiliano Kalomezoré, Otaviano e outros.

Em 1930, o recenseamento do Posto Fraternidade assinalava que entre 64 índios residentes no posto, 05 deles da etnia Nambikwara. Os Nambikwara vieram depois dos Paresi para habitar na terra indígena Umutina, entre eles estava Jorge Monzilar e outros, segundo o relato de Garivaldo Kalomezoré, índio Umutina, residente na aldeia *Bakalana*.

Considerando a crise pelo qual passava o SPI, há duas hipóteses que podem ser consideradas para a junção de várias etnias concentradas em um mesmo espaço, iniciada com o deslocamento dos Paresi: uma que teria sido interessante para encarregado levar os Paresi para o posto, pois ele poderia argumentar junto ao SPI a necessidade de mais verbas. Outra hipótese versaria sobre os benefícios que a reunião de duas ou mais etnias diferentes, em mesmo território, trariam para o processo disciplinar, tratando a todos como silvícolas, que

precisavam adotar novos hábitos e uma língua por meio da qual poderiam se compreender mutuamente, neste caso, a língua oficial portuguesa.

O posto Indígena Fraternidade foi fundado próximo a um riacho com nascente na área, denominado córrego Dezoito. Segundo O índio Umutina Garivaldo Kalomezoré esse rio é chamado de “Dezoito” porque acharam esse córrego no dia dezoito e não se sabe o mês correto. Isso facilitaria aos índios o acesso à água de beber e banhar. Habitavam nesta aldeia Umutinas, Paresí, Nambikwara e outras etnias em menor número que, espontaneamente, fixaram-se na aldeia. Conforme Lima (1995), o posto chegou a abrigar uma média de seis ou sete representantes de grupos diferentes. A partir daí, foi constituído uma nova comunidade, com leis e normas alheias a cada grupo, mas comum entre si, aumentando, assim, o índice do casamento interétnico. Este Posto Indígena permanece no mesmo local nos dias de hoje, chamado de aldeia Umutina.

A unificação da língua portuguesa já era adotada pelos indígenas que moravam no posto, mas foi intensificada com a implantação da escola, em 1941, que institucionalizava o estudo e os obrigava falar o português conforme Lima (2005), Arruda (1995), Schultz (1962,1952).

Através do relato do senhor Deonísio (índio Umutina), na escola da época, os alunos foram obrigados a aprender e a falar somente o português. Esse fato foi contado pelos Umutina que viveram na época do SPI, como: Kuzakaru, Maxipá, Juvenal, Jukuitá. Assim como SPI, a igreja católica, por intermédio dos missionários, também foi responsável pelo desaparecimento da língua materna, uma vez que os missionários não entendiam a língua dos índios e por isso proibiam e castigavam o índio que estivesse falando a língua materna. Diante dessa situação, sentiram muito medo e deixaram de falar a língua materna para falar o português. Sobre isso, Mariani diz:

Assim, ao se impor a língua portuguesa para os índios, está se impondo também uma língua com uma memória outra: a do português cristão submisso ao rei. Ensinar português aos índios objetivando a catequese é silenciar a língua e a memória de outros povos. (MARIANI, 2004, p.96)

Conforme o relato do índio Umutina Deonízio Uapodonepá, os Umutina foram muito guerreiros, mas também muito dóceis e flexíveis. Os Umutina não tinham noção de que a proibição da língua traria consequências irreversíveis no futuro. Quanto aos índios Paresi e Nambikwara, continuaram a falar suas respectivas línguas somente entre eles (os adultos),

mas a língua não era ensinada aos filhos, a língua falada com os filhos era o português e permanece até nos dias atuais.

Pudemos perceber, nessa seção, que o povo Umutina é rico nos aspectos culturais de sua tradição e modo de vida. Ainda nos dias de hoje, este povo permanece forte em relação à preservação da cultura dos seus antepassados, mesmo que em tempos anteriores tenha sido proibido de praticar a cultura e a língua, sendo quase dizimados por causa das doenças e dos ataques do não índio. Hoje permanece lutando e buscando fortalecer a identidade étnica na busca da reafirmação de ser índio Umutina, mesmo vivendo entre duas culturas e com o contato com a sociedade envolvente. Caminhando junto às mudanças tecnológicas presentes no mundo moderno, o índio Umutina não deixa de ser ele próprio e tem orgulho de ser *Balatiponé*. Homens e mulheres participam das danças culturais, fazendo a pintura corporal e facial é feita com a tinta de jenipapo, barro branco e urucum. Os homens praticam a caça e a pesca e, principalmente, a pesca com o timbó. A confecção dos artesanatos é uma prática constante realizada principalmente pelas mulheres da comunidade, elas fabricam diversos artesanatos como: brincos, pulseiras, colares, cestas, arco e flecha, tudo produzido com matéria prima da própria aldeia. Entretanto, neste contexto, os Umutina também aderiram muito da dança do não índio no seu modo de vida, bem como, os shows com bandas que tocam nas festas realizadas pela comunidade, e também a compra de alimentos, de calçados, roupas, móveis e imóveis na cidade de Barra do Bugres-MT.

1.2 Casas construídas na época de Marechal Rondon

Na aldeia Umutina há sete casas de alvenaria construídas na época de Rondon. Essas casas foram construídas no ano de 1932. Segundo relato do senhor Deonizio Uapodonepá, índio Umutina, as casas foram construídas pelos próprios indígenas como: Emiliano Kalomezoré (Paresi), Antonio Paresi, Uapô (Umutina) e outros carpinteiros, juntamente com os agentes do SPI. Eles fabricavam as telhas e os tijolos na antiga aldeia que se chamava Humaitá. A ideia de Rondon era fundar uma aldeia indígena modelo. Sobre isso Schultz menciona que:

Numa imensa clareira, aberta na selva, há uma dúzia ou mais de pequeninas casas de tijolos, construídas pelo próprio SPI, onde moram os índios na proximidade superior, a casa de administração, enfermaria, escola e a residência da família do encarregado do posto. (SHULTZ,1962 , p.11).

O Posto fraternidade foi materialmente constituído assim: um traçado em quadrícula, com casas construídas de alvenaria, em número desconhecido, tendo ao centro um grande pátio que conduzia as três maiores construções: a escola, a enfermaria e a sede do SPI. O acabamento das casas era de pintura, aparentemente branca; com telhas de barro e com porta e janela de fachada, circundada por uma plantação de árvores frutíferas (mangueiras).

Segundo Arruda (1995, p.46), a construção de Rondon, era a própria concepção da comissão de Rondon, pois evidenciava o seu idealismo frente às etnias do Brasil, a inserção efetiva do progresso, via ação civilizatória dos índios.

O projeto maior da comissão de Rondon era a localização e pacificação dos índios Umutina, que se tornou realidade ao instalar o Posto Fraternidade Indígena: *A idéia de Rondon era fundar (...) ali a aldeia com a denominação fraternidade indígena, os índios nas suas casinhas de telha e até luz elétrica, as vacas leiteiras pastando no campestre aramado, limitado pelas águas dos rios Paraguai e Bugres.*

O objetivo do Serviço de Proteção ao Índio não era apenas pacificar e atrair, mas sim civilizar e nacionalizar os Umutina, impondo o modo de vida diferente dos seus, dando-lhes assistência e educação para que assim se tornassem “brasileiros”.

Atualmente, a aldeia Umutina permanece no mesmo espaço instalado pela comissão Rondon, restando apenas sete casas construídas à época do SPI, tais como o posto de saúde, a escola, a sede de administração, Sendo que algumas foram reformadas sem mudar a arquitetura e a pintura original. Hoje permanecem como patrimônio histórico da comunidade.

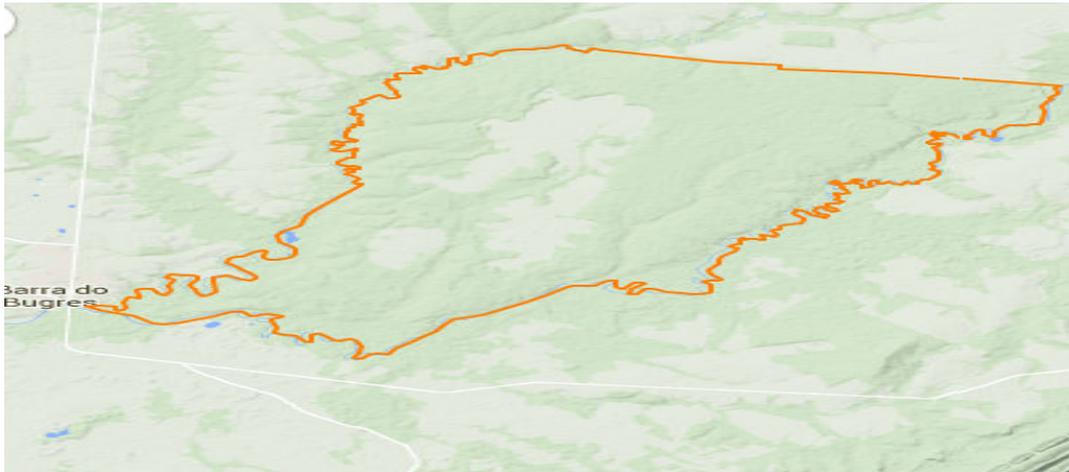
A sessão seguinte vai mostrar a localização geográfica e a demografia do povo Umutina e, com base no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) e nos dados atuais da comunidade, trazemos a relação numérica desse povo na terra indígena, lócus de nossa pesquisa.

1.3 Localização geográfica e demografia

Os Umutina vivem em uma área de 28.120 hectares homologados em 1989, nas confluências entre os rios Bugres e Paraguai, a 15 km do município de Barra do Bugres, Mato Grosso. De acordo com o mapa oficial, toda a terra é circundada em quase toda sua totalidade pelos rios Bugres e Paraguai. Na margem oposta, encontram-se várias fazendas. Os índios Umutina estão divididos entre duas aldeias maiores: aldeia Umutina e aldeia *Bakalana* situadas no mesmo território. A aldeia Bakalana encontra-se a 18 km da aldeia central

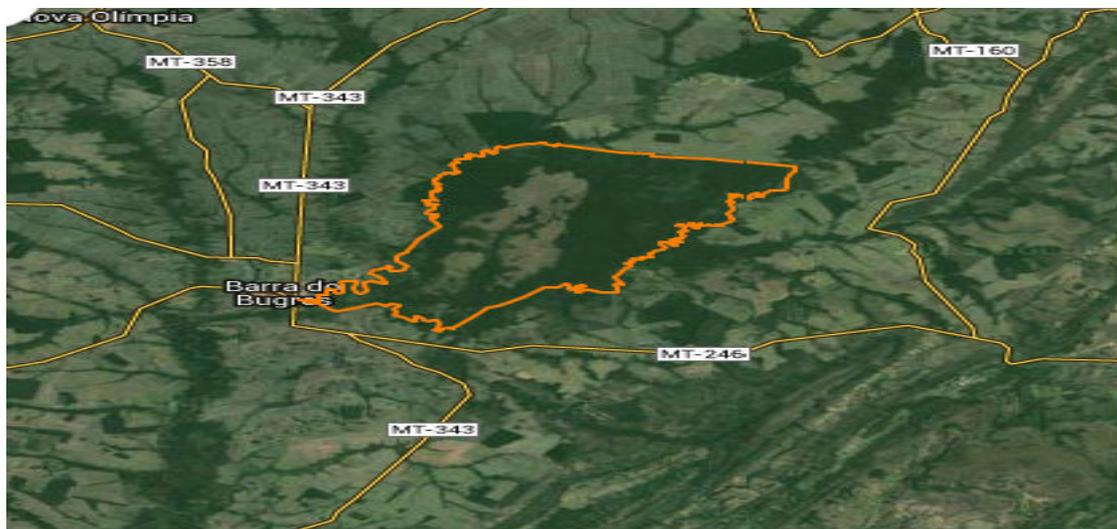
Umutina. Também há pequenas aldeias como: *Massepô*, *Amajunepá*, *Cachoeirinha*, *Águas Correntes*, *Uapô*, *Oré Alaporé* e *Adônai*. Cada aldeia possui a sua respectiva liderança (cacique). Elas surgiram, devido ao aumento da população da aldeia central, também como forma de garantia das terras, de ocupação e de trabalhar a terra com seus respectivos projetos. O mapa a seguir mostra a localização da aldeia Umutina:

Mapa do Território Indígena Umutina



Fontes: <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3889>

Mapa de Localização da Terra Indígena Umutina



Fontes: <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3889>

De acordo com os dados do último censo, os Umutina eram estimados em 409 pessoas (IBGE, censo 2010). Já com base em levantamento feito no ano de 2014, constata-se que a população Umutina aumentou para aproximadamente 507 pessoas na sua totalidade.

Na próxima seção abordaremos dados específicos dos Umutina na atualidade, no que se referem às etnias presentes na comunidade, lideranças locais, religião, a escola Umutina, o perfil dos professores Umutina, o ensino da língua materna, festas e comidas tradicionais.

1.4 Os Umutina na atualidade

Atualmente a comunidade Umutina é composta de várias etnias: Umutina, Paresí, Bakairi, Nambikwara, Terena, Kaiabi, Irantxe e Bororo. A população é de 507 pessoas entre crianças, jovens, adultos e idosos. Formada pelas diversas etnias, é uma aldeia multiétnica na qual há muitos casamentos entre etnias diferentes, índios e não índios, havendo assim a miscigenação, mas todos que nascem no território Umutina são considerados Umutina. Atualmente os Umutinas vivem em uma área de 28.120 hectares, homologados em 1989. Apenas 500 hectares são de áreas cobertas, onde os índios residem e praticam a agricultura familiar, a pesca e a criação de animais, bovinos e equinos, servindo como base de subsistência. Como alternativa de renda, algumas famílias fazem o artesanato que é vendido na própria região. Outros são funcionários públicos (professores, profissionais da saúde, da FUNAI, pensionista, aposentado).

A liderança da comunidade é composta pelo coordenador técnico da FUNAI, cacique (representante do povo), lideranças locais, professores, profissionais da saúde, conselhos e associações.

O povo Umutina possui a sua própria cosmologia religiosa, com suas próprias formas de explicar os fenômenos naturais e sobrenaturais. A partir do contato dos Umutina com o não índio, houve uma ruptura na cultura e na vida social desse povo com a entrada da religião. A primeira religião introduzida foi a católica e com o passar de alguns anos vieram as igrejas evangélicas: Igreja Internacional da Graça de Deus, Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus. A introdução dessas religiões

rompeu com os padrões culturais dos Umutina, causando um grande impacto no conhecimento étnico desse povo.

A aldeia possui um formato retangular, onde as casas são distribuídas uma ao lado da outra. Porém, com o crescimento da população, novas moradias foram construídas. Os tipos de materiais de construção das casas são diversificados: madeiras de pau a pique, alvenaria, casa de tábuas. O tamanho e a forma de cada moradia é uma particularidade de cada família, não há nenhuma regra quanto essa decisão, apenas as estruturas administrativas são discutidas coletivamente: escola, posto de saúde, casa de administração.

Dentre os componentes físicos da aldeia, conta-se com a água encanada oriunda de dois poços artesianos, instalação elétrica e um telefone público com uma torre de captação de sinal. A aldeia é banhada pelo córrego Dezoito que nasce dentro da terra indígena e, na língua Umutina, chama-se *Helatinoparé*.

Com o processo do contato, o povo Umutina foi proibido de praticar a sua cultura e, principalmente, falar sua língua materna. O povo mais antigo disse que houve muita resistência, mas o medo da repressão fez com que calassem e, com isso a cultura ficou adormecida, ficando somente na memória dos mais velhos.

1.5 Festas e comidas tradicionais

A festa tradicional ocorre sempre no início de abril, mês que se comemora o “Dia do Índio”. Nesse mês toda a comunidade se reúne para o preparo das comidas tradicionais, alguns homens vão pescar, outros vão caçar animais silvestres. As mulheres preparam a massa de mandioca para fazer o beiju, preparam a xixa de arroz, de milho, de mandioca, de *Bacava* (bebidas tradicionais). No dia 19 de abril comemora-se a festa tradicional, todos se pintam com tinta de jenipapo e urucum com as pinturas de peixes como a cachara e o pintado e de animais como tamanduá bandeira, vestem-se culturalmente para se apresentarem originalmente neste dia. São apresentadas as danças culturais: *Mixinosê*, *Katamã*, *Jekirinó*, *Yuri*, *Boiká*, *Akakôno*, *Pikurina* e *Lorunó*.

O povo Umutina ainda conserva a sua comida típica na refeição do dia-dia, tendo o peixe como base da alimentação: peixe assado, frito e cozido. A carne de caça também é muito apreciada, juntamente com o beiju (*jukuputu*). As bebidas são muito

importantes e apreciadas, como a xixa (*julurukwa*) de arroz, de milho, de abóbora, de mandioca e de bacava.

1.6 A Escola Umutina e o perfil dos professores Umutina

A escola iniciou na comunidade em 26 de maio de 1943, através do extinto Serviço de Proteção ao Índio - SPI, com o nome de Otaviano Calmon. Mas a escola não funcionava como deveria, com aulas normais durante o ano letivo, porque os professores não permaneciam na aldeia, com isso as aulas duravam de dois a três meses por ano, trazendo muita dificuldade aos alunos que não terminavam as séries iniciais. (Huare, 2010, p.19)

A partir de 1982, a escola passou a funcionar normalmente com os professores da FUNAI, professor de Paula Jacinto e Iraci Oliveira Ferreira. A escola funcionava em regime multisseriada, e foi reconhecida pela lei municipal 651/83, em 20 de setembro de 1983 pelo município de Barra do Bugres – Mato Grosso.

Em 1988, o professor Indígena Filadelfo de Oliveira Neto assumiu uma sala de aula nessa escola e, devido ao aumento de alunos, a professora Maria Alice de Souza Cupodonepá passou a lecionar na escola no ano de 1989.

No ano de 1980, saem os primeiros alunos indígenas para estudar de 5^a a 8^a série e 2^o grau para estudar na cidade de Barra do Bugres e Cuiabá. Com o passar dos anos, a saída dos alunos foi aumentando e surgiram muitas preocupações, os adolescentes poderiam seguir outros caminhos, desvalorizando os costumes e tradições que estavam sendo revitalizados.

Por conta dessa preocupação, os pais e lideranças começam a discutir na comunidade a importância de se criar uma escola na aldeia com ensino fundamental e médio.

Depois de várias reuniões entre a comunidade, o município e o estado foi, então, criada a Escola Estadual Indígena *Julá Paré*, nome de um ancião Umutina que contribuiu muito para cultura do povo.

Em 2007, um ano após o término do curso de Licenciatura, no Terceiro Grau Indígena na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) no *Campus* de Barra do Bugres-MT, surgiu o primeiro concurso específico e diferenciado para os professores indígenas do Estado de Mato Grosso. Os dez professores Umutina que terminaram a

Licenciatura foram aprovados e foram efetivados para ministrarem aula na escola Julá Paré. Os professores aprovados foram: Filadelfo de Oliveira Neto, Marcio Monzilar Corezomáé, Clicia Tan Huare, Ducinéia Tan Huare, Eliane Boroponepá Monzilar, Edna Monzilar, Jairton Kupodonepá, Eneida Kupodonepá, Luizinho Ariabô Quezo, Osvaldo Corezomáé. Temos ainda três professores municipais: Maria Alice Souza Cupodonepá (efetiva), Laércio Amajunepá, Rosinete Amajunepá, Valdevino Harisson Amajunepá e demais professores. Portanto, a escola é composta somente de professores indígenas.

Atualmente a Escola possui o ensino fundamental (da pré-escola ao 9º ano) e o ensino médio (do 1º ao 3º ano). As séries iniciais, até o 5º ano, são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres (SEMEC). As demais séries são de responsabilidade do Estado. A escola possui a matriz curricular específica e diferenciada, de acordo com a realidade da comunidade, incluindo em seu calendário escolar a época de festas tradicionais, pesca com timbó, plantio, colheita e outros. As aulas são ministradas em português, mas também há na grade curricular da escola a disciplina da língua materna, desde a educação infantil até o ensino médio.

Hoje a maioria dos alunos egressos do ensino médio da Escola Julá Paré encontra-se em grandes Universidades do país, tais como Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat), e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Estão estudando nas diversas áreas do conhecimento, tais como engenharia florestal, ciência contábeis, pedagogia, direito, e educação física. Os jovens, antes de saírem para estudar, assinam um termo de compromisso com a comunidade, comprometendo-se que ao terminar os estudos voltarão para ajudar seu povo. Se não houver trabalho na comunidade, vão para outra aldeia ou até mesmo para outras cidades.

Os professores da Escola *Jula Paré* são oriundos da própria comunidade, e são formados pelo Terceiro Grau Indígena da Unemat - Campus Universitário de Barra do Bugres. São habilitados em três áreas do conhecimento: ciências matemáticas e da natureza, ciências sociais, e línguas, arte e literatura. Todos possuem especialização em Educação Escolar Indígena, uma professora mestre (*strictu senso*) e outra professora concluindo mestrado em linguística. Os professores participam ativamente dos cursos de formação que são realizados pelo Centro de formação em atualização dos profissionais de educação básica (CEFAPRO), e outros cursos são realizados por eles

próprios com a finalidade de melhorar o ensino ofertado aos alunos da Escola *Jula Pará*.

1.7 O Ensino da Língua Materna na Escola *Jula Pará*

A constituição Brasileira de 1988 assegura aos povos indígenas o direito à educação diferenciada, a utilização da língua materna no processo de ensino aprendizagem e a proteção às manifestações culturais, conforme o Artigo 210:

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas, e processos próprios de aprendizagem. (Constituição, 1998, p. 92)

É bom lembrar que, de modo geral, a educação para o índio sempre teve por objetivo integrar as populações indígenas a sociedade envolvente. As línguas indígenas eram vistas como grande obstáculo. Muitas populações indígenas deixaram de falar a sua língua, já que a língua portuguesa deveria se tornar a língua de maior poder linguístico e, portanto, a língua oficial do país. Com a constituição de 1988, após as lutas dos indígenas e simpatizantes das causas indígenas, inicia-se um novo cenário para as populações indígenas, no que tange as suas tradições culturais e ao ensino da língua materna.

No ano de 2003, os professores indígenas da comunidade Umutina iniciaram o trabalho de revitalização da língua umutina na Escola de Educação Indígena *Julá Pará*. A escola que, em outro momento apagava as línguas indígenas, agora vem com um novo olhar, um olhar do próprio indígena. Nasce o desejo de revitalizar a sua própria língua, a língua do povo Umutina que estava adormecida e estava somente na memória dos anciãos. Após a formação dos professores indígenas, têm início os primeiros trabalhos voltados para a língua umutina. A escola indígena tem sua matriz curricular diferenciada, incluindo o ensino da língua materna, conforme os referenciais curriculares que abordam a questão linguística.

Com o ensino da língua materna, as crianças começaram a falar algumas palavras, os jovens começaram a falar frase na língua, aprender alguns cantos e mitos na língua umutina. Os professores construíram dicionários, materiais didáticos com a

participação dos alunos. O processo de ensino-aprendizagem da língua materna ocorre de uma forma mais lenta, devido a poucos registros da língua e de haver somente dois anciãos Umutina que são conhecedores de aspecto da língua. O ensino da língua umutina se dá com base no léxico, de pequenas frases, desde as séries iniciais até o ensino médio, através da disciplina de língua materna inserida na grade curricular da escola.

Com a revitalização da língua umutina, os alunos terão apenas o conhecimento básico da língua, mas que já é um grande avanço. As crianças, jovens e adultos aprendem a língua somente na escola. Sabem cumprimentar, falar o nome dos animais, plantas e outros elementos da cultura, frases, cantar e dançar e assim estarão dando continuidade para as próximas gerações Umutina. A língua não é falada, mas se pode ouvir pequenas frases na abertura de cerimônias, encontros e outros eventos.

Nessa seção apresentamos as informações históricas sobre o povo Umutina do passado e da atualidade, bem como, da escola Umutina, o perfil dos professores Umutina e seu processo de aprendizagem da língua materna. A seguir, apresentaremos a língua umutina e as publicações já realizadas sobre ela.

2 DA LÍNGUA UMUTINA

A língua Umutina pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, integra a família Bororo que agrupa nove famílias linguísticas: bororo, krenak, guató, karajá, maxakali, ofayé, rikbatsa e yatê (RODRIGUES 1986). As línguas ficam assim distribuídas por pertencerem ao mesmo tronco linguístico:

1. Bororo- língua bororo e umutina
2. Krenak- língua Krenak
3. Guató- língua guató;
4. Karajá- línguas javaé, karajá e xambioá;
5. Maxacali- línguas, pataxó e pataxó Hã- Hã- Hãe;
6. Ofayé - língua ofayé;
7. Rikbatsa- língua rikbatsa;
8. Yatê

Nessa seção, apresentaremos as publicações já realizadas sobre a língua Umutina, como os vocabulários referentes ao povo Umutina. Essas publicações são importantes para essa pesquisa porque registraram o léxico que era falado na época em que havia mais falantes da língua umutina e, a partir desses registros, pudemos comparar com léxico falado na atualidade.

2.1 Publicações sobre a língua umutina

A língua Umutina é uma língua pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, da família Bororo. Os primeiros estudos foram realizados pelo linguísta Chestmir Lukotka, a partir dos dados linguísticos coletados por Max Schmidt (1941). Posteriormente, Harald Schultz, durante sua pesquisa etnográfica com os Umutina, registrou novos dados, baseado neste material, o linguísta Dall'Igna Rodrigues confirma o parentesco genético. Como podemos ver a seguir:

“Sendo assim, confirma-se a observação que eu mesmo já fizera anteriormente, com base no material publicado por Max Schmidt, bem como a classificação feita por Loukotka (Klassifikation der sudamericanischen, Zeitschrift f. ethnologie 74, 1944), que incluiu o Umutina em sua Bororo-Sprachfamilie”. (SCHULTZ 1962, p.100).

O primeiro registro da língua foi feito por Max Schimdt que realizou o primeiro estudo sobre a língua Umutina intitulado: *Los Barbados o Omotina en Matto Grosso*. Essa publicação reúne informações coletadas numa expedição etnográfica, realizada durante sua estadia entre os Umutina no período de 10 de Abril a 16 de Maio de 1928.

Segundo Schmidt (1941), o vocabulário produzido por ele, em sua maioria foi coletado por Umutina que habitavam próximo ao rio chamado Dezoito, aldeia atual dos Umutina (Aldeia umutina) e também na antiga aldeia chamada Masepô.

Vejam os a seguir o vocabulário na língua Umutina produzido por Schmidt (1941, p.33)

Quadro (1) – Algumas palavras umutina retiradas de Schmidt (1941)

Espanhol	Umutina
Lengua	<i>Eruga</i>
Boca	<i>Ozá</i>
Lábios	<i>Otobirika</i>
Diente	<i>Okopó</i>
Nariz	<i>Napudo</i>
Ojo	<i>Irikichi</i>
Oreja	<i>Mbiá</i>
Cabeza	<i>alapukua, adapukua</i>
Craneos	<i>Cabiru</i>
Cabellos	<i>azó, azú</i>

A segunda publicação é do etnólogo Harald Schultz (1962) que esteve entre os Umutina nos anos de 1943, 1944 e 1945. Schultz efetiva a expedição na condição de chefe de departamento de etnologia do serviço de Proteção ao Índio, este trabalho tinha objetivo de registrar os aspectos sócio culturais do povo Umutina, fundamentais para a etnologia no Brasil e que deram bons resultados. Schultz registrou todo aspecto cultural e linguístico desse povo como as fotografias, fitas cinematográficas, coleção de artesanatos e a língua que foram reproduzidas em seu livro.

O etnólogo publicou também o livro *Vinte três índios resistem à civilização*, 1953. Nesse livro, ele narra a expedição de 1943/1944 no território Umutina, com

objetivo de produzir uma memória do estágio primitivo do povo que ele acreditava ser o “brasileiro”. Essa publicação aborda sobre os índios que não aceitaram o aldeamento no Posto Fraternidade ou que resistiram a “proteção” do Estado.

Schultz (op.cit) também publicou *o vocabulário dos índios Umutina* (1952), coletado durante sua expedição no território Umutina. Há, ainda, uma separata na revista do Museu Paulista: *Informações etnográficas sobre os Umutina* (1962).

Quadro (2) - Vocabulário de palavras Umutina publicado por Schultz (1962)

Umutina	Bororo	Vernáculo
<i>zoro-tú</i>	<i>goru-guddu</i>	Cinza
<i>Pikína</i>	<i>Pega</i>	Mau
<i>ko-kwá</i>	<i>Ku</i>	Sangue
<i>la-ká</i>	<i>Ra</i>	Osso
<i>aké-to</i>	<i>Akku</i>	Frio
<i>Ható</i>	<i>Kaddo</i>	Cortar
<i>bi-á</i>	<i>Bi</i>	Morrer
<i>Arikau</i>	<i>Arigao</i>	Cão
<i>Kútu</i>	<i>Kuddu</i>	Beber
<i>Ki</i>	<i>Ki</i>	Seco
<i>Bia</i>	<i>Bia</i>	Orelha
<i>Moto</i>	<i>Motto</i>	Terra
<i>Hó</i>	<i>Ko</i>	Comer
<i>Ba</i>	<i>Ba</i>	Ovo
<i>paki-xí</i>	<i>pagu-ddu</i>	Medo
<i>Zóru</i>	<i>Joru</i>	Fogo
<i>Haré</i>	<i>karo, plakaré</i>	Peixe
<i>Ikú</i>	<i>Okku</i>	Flor
<i>Buré</i>	<i>Bure</i>	Pé
<i>u-jilá</i>	<i>Yera</i>	Mão
<i>Uápo</i>	<i>Uabbo</i>	Coração
<i>koṭy-ka</i>	<i>Koddu</i>	Carne
<i>Máko</i>	<i>Muga</i>	Mãe
<i>Tóri</i>	<i>Tori</i>	Morro
<i>o-zá</i>	<i>Ya</i>	Boca
<i>bo'inó</i>	<i>Bu</i>	Chuva
<i>Pório</i>	<i>Po</i>	Água
<i>boi-ku</i>	<i>Ikku</i>	Cordeira
<i>Xoáre</i>	<i>Kugaru</i>	Areia
<i>a-ká</i>	<i>A</i>	Semente
<i>biri-ká</i>	<i>Biri</i>	Pele
<i>baro-tó</i>	<i>Baru</i>	Céu
<i>Notú</i>	<i>Nuddo</i>	Dormir

<i>zóri-xixi</i>	<i>jere-dudu</i>	Fumaça
<i>Ebakí</i>	<i>Awagu</i>	Cobra
<i>ogtó-rutá</i>	<i>otto-guru</i>	Saliva
<i>Podotó</i>	<i>Poroddo</i>	Furar
<i>Ipú</i>	<i>Ippo</i>	Pau
<i>Tóri</i>	<i>Tori</i>	Pedra
<i>Míni</i>	<i>Meri</i>	Sol
<i>oru-pú</i>	<i>Kuru</i>	Nadar
<i>Ó</i>	<i>Ô</i>	Rabo
<i>a-me, á</i>	<i>A</i>	Tu
<i>-i</i>	<i>I</i>	Árvore
<i>Popzié</i>	<i>Pobbe</i>	Dois
<i>a-menú</i>	<i>Meru</i>	Caminhar
<i>Kikóto</i>	<i>Kigaddu</i>	Branco
<i>Ixúdá</i>	<i>Ikkoddo</i>	Asa
<i>Uríxa</i>	<i>Areddu</i>	Mulher
<i>Íulá</i>	<i>Íttura</i>	Mato

No ano de 1995, Stella Lima escreveu uma dissertação sobre a língua Umutina intitulada: *A língua Umutina, “um sopro de vida”*, que trata da descrição prévia da fonologia e aspecto da morfologia da língua indígena Umutina. A autora também produziu o artigo “Flexão Nominal em Umutina”, publicado no livro *Línguas e Culturas Macro-Jê*, organizado por Rodrigues e Cabral (2007).

Temos também a dissertação de mestrado de ferreira (2000) *O Umutina no discurso do contato: silenciamento e resistência*, sob a perspectiva da análise do discurso, em que analisa o funcionamento do discurso sobre/ do índio Umutina configurado no âmbito do contato na região de Barra do Bugres-MT.

A monografia de especialização do professor Umutina Luizinho Ariabô Quezo intitulada: *Construção de frase na língua Umutina a partir de seus elementos culturais* (2010).

Em 2012, foi publicada a tese de doutorado de Cruz, intitulada: “*Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural*”, na qual faz uma releitura de aspectos fonéticos, fonológicos e morfológicos da língua Umutina, a partir dos trabalhos de Lima (1995) e dos vocabulários de Schmidt (1941) e Schultz (1951). Neste mesmo trabalho apresenta, também, um estudo do parentesco genético da língua, uma proposta ortográfica e, por fim, faz uma abordagem discursiva sobre os traços da língua presentes nas práticas discursivas dos Umutina no contexto atual. Publica, também, *Revitalização da língua Umutina*, Cruz (2010), *Imagem(s) do sujeito lexicográfico no vocabulário da*

língua Umutina, Cruz (2011). Aspectos morfológicos da Língua Umutina: a composição, (2012) e Padrão Silábico da Língua Umutina, (2014).

Na próxima seção, apresentaremos os aspectos linguísticos que serão utilizados na elaboração do vocabulário umutina-português e português-umutina.

3 ASPECTOS LINGUÍSTICOS UMUTINA

Na presente seção, são apresentados alguns aspectos linguísticos que foram utilizados na compreensão da macro e da microestrutura de nosso Vocabulário Umutina- Português e Português-Umutina tais como: aspectos fonéticos e fonológicos da língua, bem como aspectos morfossintáticos. Todos com base nos estudos de Schmidt (1941), Schultz (1962), Lima (2005), Cruz (2012), além dos novos dados da língua coletados nos dois últimos anos (2013 e 2014), durante a realização de nossa pesquisa de campo.

3.1 Fonemas da língua Umutina

No quadro a seguir apresentaremos as comparações dos fonemas da língua umutina realizada por Lima (1995), Cruz (2012) e por Huare (2015).

Quadro (3) – *Comparação de descrições fonológicas consonantais da língua umutina*

Lima (1995)	Cruz (2012)	Huare (2015)
p	p	P
-	b	b
-	t	t
k	k	k
m	m	m
n	n	n
s	s	s
z	z	z
-	ʒ	ʒ
Y	ʃ	ʃ
-	h	h
r	r	r
l	l	l
w	w	w
j	j	j

Na dissertação de mestrado de Lima (2005), encontramos 11 fonemas consonantais. Na tese de Cruz (2012), já encontramos 15 fonemas consonantais, assim também, encontramos em nossa pesquisa 15 fonemas consonantais. Nos fonemas vocálicos encontramos 8 vogais sem nenhuma alteração.

Quadro (4) – *Comparação de descrições fonológicas vocálicas da língua umutina*

Lima (1995)	Cruz (2012)	Huare (2015)
i	i	i
e	e	e
ɛ	ɛ	ɛ
ï	ï	ï
a	a	a
u	u	u
o	o	o
ɔ	ɔ	ɔ

Lima (2005) levantou os seguintes fonemas consonantais: /p/, /k/, /s/, /j/, /m/, /n/, /z/, /r/, /l/, /w/, /y/ e vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /ï/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/. Em 2007, Lima publica um artigo intitulado “Flexão nominal em Umutina”, publicado no livro, “Línguas e Culturas Macro-Jê”, no qual traz algumas alterações nos fonemas consonantais em umutina: /p/, /b/, /t/, /k/, /z/, /s/, /ʒ/, /ʃ/, /l/, /r/, /w/, /j/, que foram adaptados à fontes do IPA.

Cruz (2012), em sua pesquisa de doutorado, registrou 15 fonemas consonantais: /p/, /b/, /t/, /k/, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʒ/, /ʃ/, /h/, /r/, /l/, /w/, /j/ e 8 fonemas vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /ï/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/.

No nosso trabalho realizado em 2013 e 2014, encontramos, também, os seguintes fonemas consonantais: /p/, /b/, /t/, /k/, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʒ/, /ʃ/, /h/, /r/, /l/, /w/, /j/, totalizando 15 fonemas. Os fonemas vocálicos são: /i/, /e/, /ɛ/, /ï/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/, totalizando 8 fonemas.

3.1.1 Fones e os grafemas da língua umutina

Apresentamos, abaixo, fones e grafemas observados na língua umutina no ano de 2013 e 2014, com os dois últimos conhecedores da língua, o senhor Joaquim Kupodonepá e o senhor Antônio Uapodonepá. Na oportunidade coletamos o vocabulário da língua umutina sobre a fauna, a flora, sobre os elementos da cultura, sobre a família que ainda são lembradas por eles. Temos por extrema importância a entrevista em que índios Umutina relembram sua língua de origem. Com os dados linguísticos obtidos por meio dos dois anciãos, pudemos constatar que há pouca diferença em relação aos dados linguísticos escritos anteriormente sobre a língua umutina com os que coletamos.

3.1.1.1 Fones Consoantais Umutina

O presente quadro composto pelos fones e grafemas das consoantes umutina se deu a partir do léxico encontrado na língua umutina, ainda presente nos dias atuais na fala dos anciãos umutina no anos de 2014 e 2015.

Quadro (5) – Fones e grafemas consonatais do umutina

FONES	GRAFEMAS	EXEMPLO Fonético e Grafemático	TRADUÇÃO
[p]	< p >	[apituru'k ^w a] <apitukurwa>	“minhoca”
[b]	< b >	['bwe] < bué >	“ tamanduá”
[d]	< d >	[dibo'to] <diboto>	“nambu”
[t]	< t >	[tapata'ku] < tapatakú >	“cará”
[ʃ]	< x >	[i'ʃe] < ixé>	“braço”
[k], [k ^w]	< k >, <kw>	[pitu'k ^w a] <pitukwa>	“bonito”
[m]	< m >	[mata'já] ~[mata'jɛ] < matayá >	“tuiuí”
[n]	<n>	[no'wa] <nowa>	“barreiro”
[l]	< l >	[bala'ru] < balaru>	“sapo”
[h]	< h >	['hare] < haré >	“peixe”
[r]	<r>	[rumata'ka] < humataka >	“milho”
[z]	< z >	[zaro'to] <zaroto >	“bagre”

[ɜ]	<j>	[ʒo´a]	<joa>	“caititu”
[w]	<w>	[wa´ʒu]	<waju>	“caititu”
[j]	<y>	[ba´jo]	<bayo>	“aranha”

3.1.1.2 Fones Vocálicos umutina

O quadro abaixo dos fones e grafemas vocálicos da língua umutina se deu, através de nossa pesquisa realizada na atualidade com os dois anciãos Umutina nos anos de 2013 e 2014.

Quadro (6) – Fones e grafemas vocálicos umutina

FONES	GRAFEMAS	EXEMPLO Fonético e Grafemático		TRADUÇÃO
[u]	<u>	[ui´ba]	<uiba>	“capivara”
[i]	<i>	[be ri´ti]	<beriti>	“vermelho”
[i]	<i>	[inu´tu]	<inutu>	“dormir”
[ε]	<é>	[E´pagio]	<épagio>	“macaco bugio”
[e]	<e>	[eba´ki]	<ebaki>	“cobra”
[ɔ]	<ó>	[a´pɔ]	<apó>	“paca”
[o]	<o>	[obu´rɛ]	<oburé>	“formiga”
[a]	<a>	[amuku´tu]	<amukutu>	“sentar”

3.1.2 Inventário fonético umutina

Apresentamos no quadro fonético abaixo, o inventário dos fones consonantais encontrados na língua umutina, a partir da leitura de Lima (2005) e Cruz (2012).

3.1.2.1 Descrição fonética dos sons consonantais

Através dos estudos realizados por Cruz, em sua tese (2012, p.53,54), e, durante a pesquisa realizada em 2013 e 2014, encontramos as mesmas consoantes que

seguem no inventário abaixo (Quadro 7). Ressaltamos que apresentamos, na sequência, a distribuição destes fones na sílaba e palavra umutina:

Quadro 7 – Inventário das consoantes

	BILABIAIS	ALVEOLARES	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCLUSIVOS	[p] [b]	[t]		[k]	
LABIALIZADOS	[p ^w] [b ^w]			[k ^w]	
NASAIS	[m]	[n]			
FRICATIVOS		[s] [z]	[ʃ] [ʒ]		[h]
TEPE		[r]			
LATERAL		[l]			
APROXIMANTES	[w]		[j]		

[p]: oclusivo bilabial desvozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras. Seguido e precedido de todas as vogais e pode ser seguido da semivogal [w]:

[puruk^wa] “água”
 [oko'pɔ] “dente”
 [mata'pi] “cesto”

[b]: oclusivo bilabial vozeado ocorre precedido e seguido de todas as vogais, em posição inicial e medial de palavras:

[ba ru 'k ^w a]	“abanador”
[ab io 'lo]	“criança”
[bo j' ka]	“arco”
[obu 'rɛ]	“formiga”

[b^w]: oclusivo labializado mediante o fone [ɛ].

[b ^w ɛ]	“ tamanduá”
--------------------	-------------

[t]: oclusivo alveolar desvozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras, seguido e precedido de vogais, excetuando [e] e [ɛ]:

[ta pata'ku]	“cará”
[tu 'jo]	“mandioca”
[za ru'to]	“bagre”

[k^w]: oclusivo velar labializado, ocorre sempre em posição medial de palavra precedido de vogal posterior fechada arredondada [u]e[o] e seguido da vogal [a]:

[pu ru'k ^w a]	“água”
[ba ru'k ^w a]	“abano”

[z]: fricativo alveolar vozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras precedido e seguido de vogais, exceto diante de [u] e [ɔ]:

[za roku'k ^w a]	“banana”
[o'zɛ]	“dourado”

[ʒ]: fricativo palatal vozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras, diante das vogais [i], [o] e [u] e da semivogal [j]:

[iʒi'la]	“mão”
[ʒu'kupari'ka]	“farinha”

[m]: bilabial nasal vozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras, diante de vogais, exceto diante de [e] e [ɔ]:

[mi'nu]	“arraia”
[mi'tu]	“pomba”
[o'ma]	“jiripoca”

[n]: nasal alveolar vozeado em posição inicial e medial de palavras, ocorre diante de vogais, exceto de [ɛ]:

[inapo'lo]	“nariz”
[mi'nu]	“arraia”
[utokima'na]	“tuvira”

[r]: tepe alveolar vozeado ocorre em posição medial de palavras, precedido e seguido de quase todas as vogais, exceto de [a]:

[piripi'ri]	“melancia”
[alareko'rɛ]	“peraputanga”
[bala'ru]	“sapo”
[rumata'ka]	“milho”

[h]: fricativo glotal desvozeado, ocorre em posição inicial e medial, diante de todas as vogais:

[i'ho]	“comer”
[há'rɛ]	“peixe”
[hu'be]	“mutum”

[l]: lateral alveolar ocorre em posição inicial e medial de palavras, precedido e seguido de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]:

[bakala'na]	“garça”
[elatinopa'rɛ]	“rio dezoito”
[apa'la]	“saurú”

[ʃ]: fricativo palatal desvozeado ocorre em posição inicial e medial de palavras, precedido e seguido de todas as vogais:

[bolo'ʃɔ]	“cabelo”
[piʃiko'no]	“grilo”

[s]: fricativo alveolar desvozeado ocorre em posição medial de palavras seguidos de vogais [e] e também diante de [a] e [ɛ];

[wase] “não índio”

[wasami'ti] “galinha”

[w]: aproximante bilabial ocorre em posição inicial e medial de palavra:

[wa'zu] “jacaré”

[bwɛ] “tamanduá bandeira”

[wari'po] “piava”

[utukware'po] “cigarra”

[j]: aproximante palatal vozeado ocorre na posição inicial e medial de palavras:

[ajpose'pa] “gavião”

['bajo] “aranha”

['kuj] “anta”

[jo'ko] “pai”

3.1.2.2 Descrição fonética dos sons vocálicos

Conforme os estudos realizados por Cruz (2012, p.59), na língua umutina foram identificados 8 sons vocálicos que seguem no quadro fonético a seguir:

Quadro 8 – Inventário dos sons vocálicos

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	NÃO ARREDONDADO	NÃO ARREDONDADO	ARREDONDADO
ALTA	[i]	[i]	[u]
MÉDIA FECHADA	[e]		[o]
MÉDIA ABERTA	[ɛ]		[ɔ]
BAIXA		[a]	

[i]: anterior, alta, fechada, não arredondada, ocorre na posição, inicial, e final:

[i'mi] “eu”

[zu'ri] “papagaio”

[i] central, alta, não arredondada. Identificamos em nossos dados a realização central do fone [i].

/i/ [i] /beriti/ [beri'ti] ‘vermelho’

/i/ [i] /wassamiti/ [wassamiti] ‘galinha’

[e]: anterior, média, fechada, não arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final:

[eba'ki] “cobra”

[hu'be] “mutum”

[me'a] “cutia”

[ɛ]: anterior, média, aberta, não arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final:

[zurɛ] “sucuri”

[obu'rɛ] “formiga”

[oloa'rɛ] “pintado”

[ɛ'pagio] “macaco bugio”

[u]: posterior, alta, arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[ui'ba] “capivara”

[bala'tu] “urubu”

[barikuri'ka] “mosquito”

[o]: posterior, média, fechada, arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final:

[o'zɛ] “dourado”

[arika'bo] “cão”

[zoko'no] “vaga lume”

[ɔ]: posterior, média, aberta, ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[okɔ'pɔ] “dente”

[bi'fɔ] “cana”

[a]: central, baixa, aberta, não arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final:

[a'ri] “lua”

[za'roto]	“bagre”
[wasami'ti]	“galinha”
[baru'ka]	‘abanador”

Na tese realizada por Cruz (2012) foram encontradas 15 consoantes e 8 vogais. Em 2014, com a nova pesquisa realizada junto aos últimos falantes da língua umutina, pudemos, também, encontrar estas mesmas consoantes: /p/, / b/, /t/, /k /, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʒ/, / ʃ/, /h/, /r/, /l/, w/, /j/, e as mesmas vogais: /i/,/ĩ /,/e/, /ɛ/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/. Isso devido ao estágio atual da língua, pois somente os mais velhos falam pouco de sua língua materna no seio familiar e o léxico que é ensinado na escola. A língua umutina sofreu variação ao longo do tempo, por isso, muito do léxico que era falada pelos antepassados não se fala mais na atualidade.

3.1.3 Aspectos fonológicos da língua umutina

Segundo Cruz (2012 p.61,62) a língua Umutina apresenta 15 fonemas consonantais divididos em vozeados e desvozeados. Os fonemas desvozeados são três oclusivas: /p/, /t/, /k/ ; cinco fricativas: /z/, /s/,/ʒ/,/h/, /ʃ/ e fonemas vozeados: duas nasais /m, /n/; duas , uma aproximante: /w/, /j/ uma lateral /l/; e uma tepe /r/.

3.1.3.1 Fonemas consonantais da língua umutina

Quadro 9 : *Fonemas consonantais*

	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	/p/ /b/	/t/		/k/	
FRICATIVA		/s/ /z/	/ʃ/ /ʒ/		H
NASAL	/m/	/n/			
LATERAL		/l/			
TEPE		/r/			
APROXIMANTE	/w/		/j/		

Cruz (2012, p.62)

3.1.3.2 Fonemas vocálicos da língua umutina

Nos aspectos fonológicos foram identificados 8 fonemas vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/ totalizando na língua umutina.

Quadro 10: Fonemas vocálicos

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	NÃO ARREDONDADO	NÃO ARREDONDADO	ARREDONDADO
ALTA	/i/	/i/	/u/
MÉDIA FECHADA	/e/		/o/
MÉDIA ABERTA	/ɛ/		/ɔ/
BAIXA		/a/	

Cruz (2012, p.59)

3.1.4 Acentuação gráfica

As palavras na língua umutina são sempre acentuadas graficamente nos fonemas abertos /ɛ/ e /ɔ/ que graficamente representam-se com <é> e <ó> e no fonema fechado /o/ com a seguinte representação gráfica <ô>. Com o acento agudo ou circunflexo, como podemos ver os exemplos abaixo.

- a) *alaporé* [alapo´rɛ] arara
- b) *juré* [ʒu´rɛ] sucuri
- c) *jirikopô* [ʒirikó´po] lenha
- d) *apó* [´apo] paca

Para o ensino da língua materna, a escola adota o acento na última sílaba da palavra. Quando a vogal é aberta acentua-se com o acento agudo, quando é fechada com acento circunflexo. Essa forma de representação é usada somente na escrita.

3.2 Da morfossintaxe umutina

3.2.1 Classe de palavras

Trataremos aqui sobre as classes de palavras na língua umutina: nome, verbo, adjetivo e advérbio.

3.2.1.1 Nome

Segundo Lima (1995, p. 75), há na língua Umutina duas subclasses de nomes. Uns que nomeiam as coisas da natureza e que não admitem o marcador de pessoas, definidos como inalienáveis e os demais, nomeadores de elementos da natureza que recebem a noção de posse.

Quadro 11: *Nomes inalienáveis*

<i>purukwá</i>	Água
<i>apɔ</i>	Paca
<i>balaru</i>	Sapo
<i>ari</i>	Lua
<i>Mini</i>	Sol
<i>zoru</i>	Fogo
<i>jirikopo</i>	Lenha
<i>U</i>	Timbó
<i>Ametá</i>	Saia
<i>Matapi</i>	Cesta

Lima (2005, p.77)

Quadro 12: *Nomes alienáveis*

<i>izela</i>	minha mão
<i>ipuru</i>	minhas costas
<i>Azo</i>	minha cabeça
<i>A</i>	meu fígado
<i>Aka</i>	teu peito
<i>Ajela</i>	tua mão
<i>ajpuru</i>	tuas costas
<i>okopɔ</i>	dente dele
<i>Uapo</i>	coração dele
<i>pafipa</i>	nossa casa

Lima (2005, p.76)

3.2.1.2 Verbos

Segundo Lima (2005), os verbos encontrados na língua umutina apresentam duas categorias: verbo *strictu sensu*, indicando a dinâmica de um processo ou um estado, de natureza mais canônica de verbo nominal decorrente de palavra derivada.

3.2.1.2.1 Verbos Canônicos

Estes verbos apresentam as seguintes características:

i) Marcador prefixal de pessoa, depreendido como pronome pessoal do caso reto, com morfologia igual do nome.

mijɔto **u**-nutua
velha **ela**- dormir
A velha dormiu

i-pi **i**-mataru makewa
eu ir-**eu** falar muito
eu vou falar muito

ii) Não apresentam marcador de transitividade verbal, com a presença do objeto da facultativa na oração:

i-mataru makewa
eu-falar muito
eu falei muito

akijĩ kewa
você-vê não
você não vê

iii) Realizam-se posposto ao sujeito e antepõem-se ao objeto, quando este ocorrer.

a-kimolo uluare kuſipore

you pescar surubim muito

you pescou muito surubim

iv) Apresentam marcador sufixal de tempo, indicativo de ação concluída e ação não concluída.

a-matar-**u** you falar, cantar - **a.n.c** you fala, canta

a-matar-**a** you falar, cantar- **a.c** you falou, cantou

i-kut-**u** eu beber- **a.n.c** eu bebo

i-kut-**a** eu beber- **a.c** eu bebi

3.2.1.2.2 Verbos nominais

Os verbos constituídos pelo nome com a derivação de factivo apresentam uma realização diversa dos demais verbos observados, podendo ser precedidos de objetos e intervendo, pois a estrutura oracional mais produtiva, identificada com sujeito, verbo, e objeto.

a-zo **ratɔ** pitukwa

teu-cabelo **cortar, quebrar-fact**.bonito

teu cabelo cortado é bonito

abiolo a-jela **ratɔ**

menino tua-mão **cortar, quebrar fact**.

O menino provocou o corte da tua mão.

3.2.1.3 Adjetivos

O adjetivo vem posposto ao substantivo a que se refere como podemos ver a seguir:

- a) Urixá pitukwa.
Mulher bonita
- a) Imi pitukwá
Eu estou bom
- b) Imi pikina
Eu estou doente
- c) Urixá pikina
Mulher feia
- d) Zarukwa aki
Banana verde

3.2.1.4 Advérbios

São palavras que expressam circunstâncias de um evento, e são modificadores de predicado. Na língua umutina, podemos encontrar o advérbio de negação. Também foram encontradas na língua umutina duas formas para exprimir a negação. Segundo Lima (2005), uma é dependente {kewa} que significa: *não, nada, não tem*, que se realiza logo após o que se pretende negar e a outra {nokɔ} - *não*, que pode ocorrer livremente, funcionando como um vocábulo frasal:

- a) I-kifí **kewa**
eu-ver **nada**
eu não vi **nada**
- b) Ai-kuamiti **kewa**
Você- cansar **não**
Voce **não** cansa
- c) **Imi iho** nokɔ

Eu ainda não comi.

Advérbio de intensidade:

Kokwa **cojipore**

Sangue **muito**

Muito sangue

3.2.1.5 Outras Palavras

Segundo Lima (2005 p.101), na língua umutina registram-se apenas duas palavras quantificadoras “um” *Inukurukwa* e “dois” *popsé*. Na necessidade de se dar conta de quantidades que superem estas possibilidades numéricas da língua, utilizam-se as partículas intensificadoras.

Nessa seção, descrevemos aspectos da fonética, a fonologia e a morfossintaxe da língua umutina. Para essa seção não se pretendeu uma descrição exaustiva. A seguir, apresentaremos a fundamentação teórica sobre a lexicografia e a lexicologia.

4 A LEXICOGRAFIA E A LEXICOLOGIA

Segundo Dapena (2002, apud, CALDAS, 2004), a Lexicologia seria entendida como ciência, uma vez que se ocuparia dos princípios gerais que regem o vocabulário: por exemplo: o autor, enquanto partidário dessa distinção, considera a lexicologia, a fonologia e a sintaxe como ramo estruturadores do linguísta, ficando a lexicografia apenas como técnica para confecções de dicionários, uma aplicação linguística. Para os que compartilham dessa visão, lexicologia representa o conhecimento científico e a lexicografia a aplicação do mesmo. De acordo com Dapena (2002, apud CALDAS, 2004), a lexicografia estuda o vocabulário, palavra por palavra, enquanto que a lexicologia preocupa-se com os princípios e leis gerais que regem o vocabulário.

Em sua tese, Ferreira (2005) cita as afirmações de Zgusta (1971) que, além da estrutura da língua, o lexicógrafo deve considerar a cultura da respectiva comunidade linguística em todos os seus aspectos.

Segundo Welker (2004), o termo lexicografia tem dois sentidos: numa acepção na qual se usa também a expressão lexicografia prática, ele designa a ciência técnica e prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Temos a lexicografia ou metalexigrafia que é o estudo dos problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa de usos de dicionários. O lexicógrafo é quem produz o dicionário, quem escreve sobre o dicionário é o metalexicógrafo.

Para Borba (2003), a lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (parcial ou total) de uma língua desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes

4.1 Léxico

Para Welker (2004), a palavra **léxico** vem do grego:

λεξις : Welker leia-se léxis (palavra)

λεξικόσ: leia-se lexikós (pertencente/concernente a palavra à(s) palavra(s))

λεξικόν: leia-se lexikónn (léxico ou dicionário). (WELKER, 2004, p.20).

Welker (2004) cita Rey Davone (1977) , em que o léxico de uma língua pode ser entendida de três maneiras:

- (a) Conjunto dos morfemas “a lingüística contempôrane favorece [...] esta definição”;
- (b) Conjunto das palavras “mas isso leva ao problema da dificuldade de definir palavra”;
- (c) “conjunto indeterminado, mas finito de elementos, de unidades ou entradas em oposição aos elementos que realizam diretamente funções gramaticais, como os determinativos e os auxiliares etc”. Neste caso, se diferencia portanto, entre morfemas lexicais e gramaticais, este últimos devendo constar na gramática. Sobre isso Rey afirma:

Na prática, o léxico é considerado como um conjunto de palavras com função não gramatical isto é, dos nome, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos (por exemplo, sufixos como *mente* e prefixos como *re*) e as chamadas palavras gramaticais, sendo que a fronteira é muito vaga. (Rey Davone 1977 apud Welker 2004, p.164).

Para Borba (2003), o léxico é o conjunto de formas que representam a realidade seja interna, do sistema lingüístico (palavras gramaticais) seja externa, do mundo dos objetos(palavras lexicais). Também na língua portuguesa emprega-se o léxico como sinônimo de dicionário ou vocabulário. O dicionário é o acervo lexical da língua. A gramática é o conjunto de regras de estruturação e funcionamneto da língua.

4.2 Vocábulo

De acordo com Welker (2004), os quatro grandes dicionários brasileiros não diferenciam entre palavra e vocábulo, no verbete vocábulo lê-se respectivamente: palavra que faz parte de uma língua. Para outros autores, chamam de vocábulos as palavras, tanto as formas básicas quanto a flexionadas quando ocorrem nos textos.

4.3 Palavra

Welker (2004) explica que a palavra é um dos conceitos mais problemáticos dentro da linguística, Mesmo assim, a palavra é a unidade linguística central e protótipa. Explica ainda, que na fala as palavras não se distinguem com facilidade, quando não se sabe determinada língua, não consegue separar as palavras. Enquanto que na escrita define-se a palavra como qualquer sequência que ocorre entre espaço e/ou sinais de pontuação. Estamos nos referindo as sequências possíveis na língua; uma sequência como *sqwarn* seria interpretada como um erro de datilografia e nunca como uma palavra do português.

Segundo Basílio (1987), há outro eixo em que a definição de palavra causa dificuldades: trata-se da distinção que normalmente estabelecemos entre duas palavras distintas e duas formas da mesma palavra. Por exemplo, dizemos que casa e casas são duas formas da mesma palavra, mas casa e casinhola são duas palavras diferentes.

4.4 Lexia

A lexia pode ser diferentes tipos de palavras ou conjunto de palavras:

- Um lexema (Isto é, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio)
- Um grafema (um morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição);
- Um lexema e um ou mais gramemas: casas, dormiu, bonitas, interminavelmente.

Existem lexias simples e compostas:

- Lexias simples (casa, casas, dormir, dormiu, bonito, bonita);
- Lexia composta (palavras compostas como, mestre-de-obras, e palavras derivadas, como deslizar).

4.5 As aplicações de um modelo lexicográfico

A língua possui vários signos que devem ser reconhecidos e entendidos para que o trabalho do lexicógrafo possa dar bons resultados.

Para isso, a análise dos dados linguísticos que constituem o *corpus* do lexicógrafo deve se fundamentar em uma teoria linguística para garantir a descrição da expressão lexical de uma língua em uma comunidade de fala.

4.6 Dicionário e vocabulário

Para Welker (2004), Aurélio define o vocabulário, na primeira acepção, como “conjunto de palavras de uma língua, ou seja, como sinônimo do léxico, porém, entende-se por vocabulário algo mais restrito, aquilo que o próprio Aurélio indica nas outras acepções, como conjunto das palavras em certo estágio da língua” e outros.

Segundo Caldas (2004), a autora diz que na prática, o termo vocabulário no sentido de livros de vocábulo ou termos técnicos científicos, frequentemente é substituído por dicionários de modo que existem dicionários de economia, direito, informática etc.

Em sua tese, Welker (2004) cita a informação de Béjoint (2000:6) quanto à origem da palavra dicionário que vem do *dictionarius* (palavra latina usada em 1225 por um poeta gramático inglês com o título de uma coleção de vocábulos latinos) e de *dictionarium*, termo usado cem anos mais tarde. *Dictionary* aparece pela primeira vez em 1526, e fr.*dictoinnaire* que parece ter sido usado pela primeira vez pelo lexicógrafo Robert Estienne. Ainda conforme o autor, na idade média eram também intitulados *de vocabulário, léxico e lexicon*.

De acordo com Borba (2003), um dicionário nunca pode ser tomado como um simples repertório ou acervo de palavras, ao contrário, deve ter um guia de uso e, como tal torna-se um instrumento pedagógico de primeira linha.

4.7 Dicionários bilíngues

Conforme Dapena (2002, apud CALDAS, 2004), a elaboração de um dicionário bilíngue decorre de pelo menos uma necessidade concreta de resolver dúvidas do usuário a respeito das palavras que determinam sua macroestrutura.

O dicionário bilíngue tem por finalidade auxiliar na tradução de outra língua, contribuindo na aprendizagem de uma segunda língua, obtendo um amplo conhecimento de uma segunda língua.

Para Borba (2003), um dicionário de língua como um produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico, num determinado momento da vida de uma comunidade.

4.8 Classificações dos dicionários bilíngues: abrangência, perspectiva e apresentação

De acordo com Welker (2004), os dicionários são classificados por três categorias: abrangência, perspectivas e apresentação.

Quanto à abrangência, trata-se do tamanho e o escopo do dicionário, pode-se cobrir ou não todo o léxico da língua que é chamada de densidade de qualidade, como é o caso do vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina que não cobre o todo do léxico da língua umutina, tais como os elementos da fauna, da Flora, da cultura e da família.

Quando um dicionário abrange todo léxico é muito difícil estabelecer a variedade, pois não tem como saber a extensão total desse léxico. Mas quando se delimita o léxico, a variedade pode ser estabelecida. Outro aspecto importante da abrangência é o número de línguas que serão utilizadas no dicionário que pode ser: monolíngue, bilíngue, trlíngue ou multlíngue.

A perspectiva é como o lexicográfico vê o trabalho, se o trabalho é diacrônico ou sincrônico. Segundo como ele é organizado, alfabeticamente, por sons como em um dicionário de ritmos ou conceitos.

A apresentação é como os dicionários são classificados, como são as definições, quais as formas de verbos que são empregadas, se há ilustrações ou não, informações sobre a pronúncia do léxico.

Para este trabalho, na abrangência que se refere a totalidade da língua, o vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina não cobre o total da língua devido ao estágio atual da língua pois há somente dois conhecedores da língua. O vocabulário é bilíngue.

Quanto à perspectiva, o vocabulário é organizado em ordem alfabética, descreve a língua sincronicamente e não têm definições amplas, os verbos encontram-se no infinitivo.

Na apresentação, o vocabulário não é ilustrativo, apresenta somente descrição fonética da língua umutina e verbos no infinitivo.

4.9 A Macroestrutura

(Rey Devone 1977, apud Weker, 2004) define, macroestrutura como “o conjunto das entradas”, e esse mesmo termo pode ser empregado como nomenclatura.

A macroestrutura vem significar como o dicionário é organizado. Pode ser organizado em ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras ou segundo um sistema conceitual. Segundo Ferreira (2005), a macroestrutura compreende a organização das entradas do dicionário como:

- a) A escolha de entradas para incluir no dicionário;
- b) A escolha do conteúdo; língua padrão, especializada;
- c) A ordenação das entradas, alfabética, inversa;
- d) O tratamento dos lexemas polissêmicos e dos lexemas homônimos.

4.9.1 A Microestrutura

Conforme Ferreira (2005), a microestrutura é constituída pelo conjunto de informações que seguem as entradas, como fatores fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos que consistem na definição do significado da palavra (explicações, perífrases ou equivalentes). A microestrutura são composta dessas informações que são importantes para a compilação de uma obra lexicográfica.

Na próxima seção será apresentada a estruturação do vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina.

5 ESTRUTURAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Nesta sessão apresentamos os procedimentos adotados para elaboração e digitação do vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina, colocando em prática a técnica lexicográfica. Descrevemos a elaboração da macro e microestrutura, que tem como língua fonte a língua Umutina e como língua alvo o português. Para a elaboração do vocabulário Umutina-português e Português-Umutina, coletamos somente os elementos da fauna e da flora do ecossistema conhecido pelos anciãos. Entretanto, muitas palavras não foram lembradas por eles. E na sequência, coletamos frases, elementos da cultura e da natureza, cores, família e partes do corpo humano. Para a gravação da coleta de dados foi utilizado um minigravador digital da marca *Sony*. Durante as entrevistas, os dados eram gravados e escritos em caderno de campo, depois eram transferidos para o programa Word (Office 2007). Para a transcrição fonética utilizei as fontes do *Internacional Phonetic Alphabet* (IPA).

5.1 A Macroestrutura

O vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina apresenta as sequências das entradas em ordem alfabética, para melhor compreensão e manuseio por parte dos usuários Umutina, professores, alunos, comunidade e demais pesquisadores na área da linguística.

5.2 A Microestrutura

De acordo com Ferreira (2005), as microestruturas dizem respeito às construções internas dos verbetes. Neles é compilado o uso das entradas do ponto de vista gramatical, semântico e pragmático. Os verbetes são constituídos das entradas que possuem várias informações. O vocabulário Umutina-Português apresenta as seguintes microestruturas: lexemas na língua Umutina para nomear a entrada do vocabulário, forma fonética informando a transcrição fonética das palavras que constam como entrada do referido vocabulário, indicação da classe de palavra, tradução em português (visto que o vocabulário é Umutina-Português-Português-Umutina, nome científico

quando for nome de animais e plantas). Por fim, vale ressaltar que algumas entradas apresentam, como última informação sobre o verbete, a fonte (autoria) da qual tomamos a lexia. Já o vocabulário Português-Umutina tem as seguintes microestruturas: lexemas na língua portuguesa, a tradução na língua umutina e a transcrição fonética da língua.

5.3 Forma dos verbetes

No léxico Umutina-Português, a forma dos verbetes segue de modo geral, aquela encontrada em muitos dicionários da língua portuguesa. Os verbetes no vocabulário Umutina-Português apresentam as seguintes características: o primeiro item do verbete é a entrada. À entrada segue-se: (a) a transcrição fonética; (b) a indicação gramatical, mostrando sua classe (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio); (c) tradução em português; (d) o nome científico quando se tratar de animais e plantas, (e) referência: este marcador informa a origem do lexema inserido no dicionário, o nome do responsável pela coleta da palavra inserida no dicionário Umutina Português. Como podemos ver no exemplo abaixo:

Ajukuyta [azukuj'ta] n. onça pintada. *Panthera onça*.

Alapasê [alopa'se] n. maribondo. *Euscorpius flaviaudus*

Alarekoré [alareko're] n. peraputanga. *Brycon Microlepis*

O vocabulário Português-Umutina apresenta as seguintes características: o primeiro item do verbete é a entrada na língua portuguesa, a seguir a tradução na língua umutina e a transcrição fonética da língua.

5.4 Organização tipográfica das entradas

Os tipos de grafias utilizadas para destacarem partes distintas dos verbetes:

1. Negrito: a palavra na língua Umutina que está em ordem alfabética;
2. Colchete: a transcrição fonética;
3. Ítalo: o nome científico.

Nessa seção apresentamos o embasamento teórico referente ao estudo lexicográfico que fundamenta o presente vocabulário Umutina-Português e português-Umutina, sobre dicionário e vocabulário, dicionário bilíngue, classificação dos dicionários, macroestrutura, microestrutura e estrutura do vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina. A seguir, apresentaremos vocabulário Umutina-Português

6 VOCABULÁRIO Umutina – PORTUGUÊS

Esta seção apresenta o Vocabulário Umutina-Português, precedido de explicações concernente a sua confecção. No léxico Umutina-Português, a forma dos verbetes segue aquela encontrada na maioria dos dicionários da língua portuguesa. As partes principais dos verbetes são: lexemas na língua umutina para nomear a entrada do dicionário, forma fonética informando a transcrição fonética das palavras, indicação da classe de palavra, tradução em português, nome científico quando for nome de animais e plantas. E vale ressaltar que algumas entradas apresentam, como última informação sobre o verbe, a fonte (autoria) da qual tomamos a lexia.

Na segunda parte, temos o Vocabulário Português-Umutina de uma forma mais simples: o lexema é na língua portuguesa, em seguida, a tradução na língua umutina e sua transcrição fonética. O vocabulário apresenta duas entradas de palavras com distinção de gênero masculino e feminino encontrados na língua umutina. Já na forma das entradas em relação aos verbos optamos em colocar os verbos no infinitivo.

A- a

A	[a]	n.	Fígado	
Abiodô kurika, abiolô	[abio'do kuri'ka, abio'lo]	n.	criança, bebê.	
Abiolô	[abio'lo]	n.	Filho	
Abiolota	[abiolo'ta]	n.	Filha	
Abobi	[abo'bi]	n.	macaco sawin.	
Abolá	[abo'la]	n.	coxa da perna.	
Abolá	[abo'la]	n.	Perna	
Aburé	[abu're]	n.	pé.	
Adoê	['adoe]	n.	nome que significa a cerimônia de culto aos mortos.	Ref: Schultz 1962.
Ayko	[aj'ko]	n.	onça parda.	
Aykú	[aj'ku]	n.	gato.	<i>Felis silvestres catus</i>

Ayku Kuriká	[aj'ku kuri'ka]	n.	jaguaririca.	<i>Leopardus pardalis</i>	
Aykwamiti	[ajkwami'ti]	adj.	cansado.	Ref: Lima, 2005.	
Aypossepá	[ajpose'pa]	n.	gavião real.	<i>Spizaetus ornatus</i>	
Ajukuyta	[azukuj'ta]	n.	onça pintada	<i>Panthera onça.</i>	
Aká	['aka]	n.	semente.		
Aká Beriti	[a'ka beri'ti]	n.	colar de semente preta e vermelha.		
Akakôna	[akako'na]	n.	dança guerreira.	Ref: Schultz 1962.	
Aki	[a'ki]	adj.	Verde		
Akibolô	[akibo'lo]	n.	anzol.		
Akibolô	[akibo'lo]	v.	pescar e caçar.		
Akokôno	[akoko'no]	n.	raposa.	<i>Vulpes Vulpes.</i>	
Akuku	[aku'ku]	adj.	leve.	Ref: Cruz, 2012.	
Akutu	[aku'tu]	v.	Beber		
Alaporé	[alapo're]	n.	arara.		
Alaporé Biriti	[alapo're biri'ti]	n.	arara vermelha.	<i>Ara maçã</i>	
Alaré	[ala're]	v.	casar.		
Alarekoré	[alareko're]	n.	Peraputanga.	<i>Brycon Microle peraputanga. PIS</i>	
Alatiti	[alati'ti]	n.	cérebro.		
Alopasê	[alopa'se]	n.	maribondo.	<i>Euscorpius flaviaudus</i>	
Alotoré	[aloto're]	n.	lambari.		
Alupukwa	[alupu'kwa]	n.	cabeça.		
Amalá	[ama'la]	n.	Irmão		
Amalató	[amala'to]	n.	Irmã		
Amataré	[amata're]	v.	Falar		
Amati	[ama'ti]	v.	fazer, preparar.	Ref: Cruz 2012.	
Amemá	[ame'má]	n.	lagarto.	<i>Ameiva ameiva</i>	
Ametá	[ame'ta]	n.	roupa, saia, vestimenta.		

Amukutu	[amuku'tu]	v.	Sentar		
Amuxixi	[amuʃi'ʃi]	n.	gordo.		
Apala	[a'pala]	n.	saurí cascudo.	<i>Psectrogaster curviventris</i>	
Apalo	[apa'lo]	n.	Machado		
Apiew	['apiew]	n.	acuri.	<i>Attalea phalerata.</i>	Ref: Lima, 2005.
Apiturukwá	[apituru'kwa]	n.	minhoca, verme.	<i>Pheretima hawayana</i>	
Apó	[A'pɔ]	n.	paca.	<i>Cunilus paca</i>	
Apô	[a'po]	n.	tamanduá mirim.	<i>Tamandua tetradactyla.</i>	
Apupoynu	[apupoj'nu]	n.	esteira.		
Ari	[a'ri]	n.	Lua		
Arikau, arikabô	[ari'kaw, arika'bo]	n.	cão, cachorro	<i>Canis lupus familiares.</i>	
Arixinó	[ariʃi'nɔ]	n.	dança com símbolos, disco de palha representando a caça.	Ref: Schultz 1962.	
Atabé	[ata'bɛ]	v.	trazer, pegar.		
Atilakakano	[atilakaka'no]	n.	dança carregando estandartes com símbolos de peixes.	Ref: Schultz, 1962.	
Atukwá	[atu'kwa]	n.	concha, colar de concha.		
Ayjourukwa	[ajʒoru'kwa]	n.	marmelada espinha.	<i>Alibertia edulis.</i>	Ref: Cruz, 2012.
Ayko	[aj'ko]	n.	onça parda.	<i>Puma concolor.</i>	
Azloru	[azalo'ru]	v.	brincar .	Ref: Lima , 2005.	
Azô	['azo]	n.	cabeça.		

B- b

Ba	['ba]	n.	ovo.		
Bakalana	[baka'lane]	n.	garça branca.	<i>Ardeaalba</i>	

Baketá	[bake'ta]	n.	frio.	
Bakú	[ba'ku]	n.	campo.	
Bakuré	[baku'ɾɛ]	n.	dança sobre as esteiras.	Ref: Schultz 1962
Balarokupô	[balaroku'po]	n.	batata doce.	<i>Ipomoea batatas</i>
Balaru	[bala'ru]	n.	Sapo	<i>Rhinella ictérica</i>
Balatiponé	[balatipo'ne]	n.	povo Umutina, Umutina.	
Balatu	[bala'tu]	n.	urubu.	<i>Cathartes aura</i>
Bapó	[ba'pɔ]	n.	chocalho.	
Barepô	[bare'po]	n.	homem, macho, marido.	<i>Homo sapiens sapiens</i>
Barikuriká	[barikuri'ka]	n.	mosquito.	<i>Culex pipiens</i>
Barixi	[bari'ʃi]	n.	macaco preto.	<i>Ateles geoffroyi.</i>
Barokolotô	[barokolo'to]	n.	estrela.	
Barotô	[baro'to]	n.	céu.	
Baru	[ba'ru]	n.	Quente	
Barukwá	[baru'kwa]	n.	abanador feita de palha de babaçu e buriti	
Batóri	[bato'ri]	n.	dança com máscara de rede de pescar sobre o rosto e flagelo de feixe de talo de buriti.	Ref: Schultz 1962.
Baxuri	[baʃu'ri]	adj.	comprido.	
Bayô	[ba'jo]	n.	aranha.	<i>Acanthoscorria geniculata</i>
Bê	['be]	n.	jenipapo.	Genipa americana.
Beurukwa	[beuru'kwa]	n.	jenipapo maduro.	<i>Genipa americana.</i>
Biá	[bi'a]	n.	orelha.	
Biamutu	[biamu'tu]	v.	morrer.	
Birí	[bi'ri]	n.	pimenta do mato.	<i>Capsicum frutescens</i>
Birika	[biri'ka]	n.	pele.	
Beriti	[beri'ti]	adj.	vermelho.	
Bixó	[bi'ʃɔ]	n.	cana de açúcar.	<i>Saccharum officinarum</i>
Boykô	[boj'ko]	n.	Corda	

Bokokwaká	[bokokwa'ka]	n.	arroz.	<i>Orysa sativa</i>
Bokú	[bo'ku]	n.	capim, campo.	
Bolô	[bo'lo]	n.	diadema de pena, cocar com penas coloridas.	
Boloriê	[bolori'e]	n.	pimenta do mato.	
Bolotoxixi	[boloto'ʃiʃi]	adj.	Preto, escuro, noite.	
Boloxó	[bolo'ʃɔ]	n.	cabelo, sapê.	
Boreboê	[bore'boe]	n.	pau -d'alho.	<i>Gallisia ingrifolia.</i>
Borotô	[boro'to]	n.	nuvem.	
Borupurukwa	[borupuru'kwa]	n.	Limoeiro	<i>Citrus limon.</i>
Botodozé	[botodo'ze]	n.	bem-te - vi.	
Botoká	[boto'ka]	n.	escama.	
Botorikaré	[botorika're]	n.	queixada, porco do mato.	<i>Tayassu Pecari</i>
Boyká	[boj'ka]	n.	arco, dança de arco.	
Boykanu	[bojka'nu]	n.	carrapato.	<i>Amblyomma ssp.</i>
Boyná	[boy'na]	n.	chuva.	
Boyná mataré	[boj'na matare]	n.	trovão.	Ref: Cruz, 2012.
Bozá	[bo'za]	n.	buraco.	
Bué	[bwɛ]	n.	tamanduá Bandeira.	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Bujé	[bu'zɛ]	n.	piranha.	<i>Serrasalmus Rhombeus</i>
Burixá	[buri'ʃa]	adj.	alegre.	

D- d

Daxuri	[daʃu'ri]	adj.	alto.	
Dibotô	[dibo'to]	n.	nambu.	<i>Crypturellustataupa</i>
Daxuri	[daʃu'ri]	Adj	Alto	
Dibotô	[dibo'to]	n.	nambu.	<i>Crypturellustataupa</i>
Dô	['do]	n.	curimbatá.	<i>Prochilodus lineatus</i>

E- e

Ebaki	[eba'ki]	n.	cobra.	
Elatinó	[elati'no]	adj.	roxo.	
Élotinoparé	[elotino'pare]	n.	rio dezoito.	
Épajio	[ε'pajio]	n.	macaco bugio.	<i>Alouatta fusca</i>
Erukwa	[eru'kwa]	n.	língua.	
Etari	[eta'ri]	n.	cobra verde.	

H- h

Haipuku	[haipu'ku]	n.	Deus, ser supremo, criador.	
Hakikano	[hakika'no]	n.	cocar de pena.	
Hapuyana	[hapuja'na]	n.	dança com aros de palha.	Ref: Schultz 1962.
Haré	[há're]	n.	peixe.	
Ható	[há'to]	v.	Quebrar	
Hatóri	[haj]	n.	tucumã.	
Hebu	[he'bu]	n.	cobra surucucu	<i>Hydrodynastes gigas</i>
Heribé	[heri'be]	n.	Iguana.	<i>Iguana iguana</i>
Hew	[hew]	n.	pequizeiro.	<i>Caryocar brasiliense.</i>
Hibê	[hi'be]	n.	ouriço.	<i>Coendou Villosus.</i>
Hitu	[hi'tu]	v.	correr.	
Hubê	[hu'be]	n.	mutum.	<i>Craxfasciolata</i>
Huô	[hu'o]	n.	jaó.	<i>Crypturellusundulatus</i>
Hupsé	[hu'pse]	n.	cágado.	
Hupsé	[hu'pse]	n.	dança dos irreverentes cágados.	Ref: Schultz 1962.
Huri	[hu'ri]	adv.	muito.	
Hurume	[huru'me]	n.	Mosca	
Hutalaka	[hutala'ka]	n.	colar.	
Hutey	[hutej]	n.	Jequitibá.	<i>Cariniana legalis.</i>

Hibosé	[hibo'se]	n.	biguá preto.	Ref: Cruz 2012.
---------------	------------	----	--------------	-----------------

I- i

I	['i]	n.	Árvore		
Ihô	[i'ho]	v.	comer.		
Ijilá	[isi'la]	n.	mão, dedo		
Ikikanã	[ikika'na]	n.	boi.	<i>Bos taurus</i>	Ref: Cruz, 2012.
Iku	[i'ku]	adj.	Amarelo		
Ikutu	[iku'tu]	v.	Beber		
Ilaká	[ila'ka]	n.	espiga de milho		
Ilaré	[ila're]	v.	Casar		
Imakó	[ima'kɔ]	n.	Mãe		
Imakô	[ima'ko]	n.	Pai		
Imakô mixina	[ima'ko mi'fina]	n.	avô.		
Imakô mixotó	[ima'ko mi'fo'to]	n.	avô.		
Imatati	[imata'ti]	v.	Dançar		
Imi	['imi]	p.	eu.		
Iminu	[imi'nu]	v.	Vandar		
Imoy	['imɔj]	n.	Imbira		
Imukukwa	[imuku'kwa]	v.	Brigar		
Inapolô	[inapo'lo]	n.	nariz.		
Inapozanotu	[inapozano'tu]	n.	foice.		
Inotu	[inu'tu]	v.	dormir.		
Inukurukwá	[inukuru'kwa]	n.	Um (Número)		
Iponá	[ipo'na]	n.	flauta de buriti ou taquara.		
Ipu	[i'pu]	n.	pau de madeira.		
Ipupuruna	[ipupu'runa]	n.	Costas		
Ipwazano	[ipwaza'no]	n.	folha de árvores ou plantas.	Ref: Lima, 2005.	
Irikixi	[iriki'fi]	n.	olho.		
Iwena	[jwe'na]	n.	perereca.	<i>Scinase fuscovaria</i> .	Ref: Lima, 2005.
Ixabalá	[iʃaba'la]	n.	caminho, estrada.		
Ixakalá	[iʃaka'la]	adj.	Cor branca		
Ixilaká	[ʃila'ka]	n.	Peneira		

Ixô	[i'ʃo]	n.	Braço	
Ixó	[i'ʃo]	n.	Flecha	
Ixudá	[iʃu'da]	n.	asa de pássaro.	
Ixulá	[iʃu'la]	n.	mato.	
Izareka	[izare'ka]	n.	rir.	Ref: Lima, 2005.

J- j

Jikirinó	[zikiri'nɔ]	n.	dança das andorinhas.	Ref: Schultz 1962.
Jirikiki	[ʒiriki'ki]	n.	jabuti, cágado.	Geochelone Carbonario
Jô	[ʃo]	n.	Roça	
Joá	[ʒo'a]	n.	caititu.	<i>Tayassu Tajacu</i>
Jolorukwá	[ʒoloru'kwa]	n.	xixa, bebida tradicional do povo indígena.	
Juari	[ʒua'ri]	n.	Areia	
Jukupariká	[ʒukupari'ka]	n.	farinha.	
Jukuputu	[ʒukupu'tu]	n.	beiju.	
Julaká	[ʒula'ka]	n.	Costela	
Julô	[ʒu'lo]	n.	abelha jati.	<i>Tetragonisca augustula augustula</i>
Juminá	[ʒumi'na]	n.	Piavuçu	<i>Leporinusmacrocephalus.</i>
Juré	[ʒu're]	n.	sucuri.	<i>Eunectes murinus</i>
Jurena	[ʒure'na]	n.	arco íris.	
Juri	[ʒu'ri]		papagaio.	<i>Amazona aestiva</i>
Jyo	[ʒjo]	n.	beija flor.	<i>Hylocartis cyanus</i>

K- k

Kapana	[kapa'na]	n.	Girau	
Kasacopô	[kazako'po]	n.	pilão .	
Katamá	[katama]	n.	Martim pescador(ave)	<i>Chloroceryle americana.</i>
Katamá	[katama]	n.	dança do Martim-pescador.	Ref:Schultz 1962.
Katapê	[kata'pe]	n.	taquara.	
Kaymo	[kaj'mo]	n.	cupim.	<i>Molothus bonarienses</i>
Kaypo	[kajpo]	n.	mão de pilão	

Kixó	[ki'ʃɔ]	n.	Periquito	
Kokwá	[ko'kwa]	n.	Sangue	
Kolo kolo	[ko'lo ko'lo]	n.	chapéu velho.	<i>Paroaria capitata</i>
Kopuxixi	[kopuʃi'ʃi]	adv.	Fundo.	
Koritiká	[koriti'ka]	n.	batata da perna	
Koyakoré	[kojako're]	n.	tosse, tossir	
Kukuri	[kuku'ri]	n.	colar.	
Kuriká	[kuri'ka]	adj.	pequeno, pequena.	
Kurikupu	[kuriku'pu]	n.	peças feitas de argila.	
Kuteynoto	[kutej'noto]	adv.	Longe	
Kuxiporé	[kuʃipo're]	adv.	grande, muito	
Kuyotô	[kujo'to]	n.	corujão.	

Kw- kw

Kwi	[k ^w i]	n.	Anta	<i>Tapirusterrestris</i>
------------	--------------------	----	------	--------------------------

L- l

Laká	[la'ka]	n.	osso de animal.	
Lórunó	[loru'no]	n.	dança com máscaras de cabelo.	Ref: Schultz 1962.
Lumataká	[lumata'ka]	n.	feijão fava.	

M- m

Makewá	[make'wa]	adv.	Muito	
Mamo	[ma'mo]	n.	abelha axupé.	
Manixuaré	[maniʃua're]	n.	dança com flautas sagradas ou caça da anta.	
Matapi	[mata'pi]	n.	Cesta	
Mataya	[mata'ja]	n.	tuiuiiu.	<i>Jabiru mycteria</i>
Minaká	[mina'ka]	n.	bracelete para mulher, confeccionada com fibras, sementes e coco de tucum.	
Mini	[mi'ni]	n.	sol.	
Mintotanobô	[mintotano'bo]	n.	brinco de argola feito de	

			coco de tucum, constituído de várias penas.	
Minú	[mi'nu]	n.	arraia.	<i>Paratrygon aiereba</i>
Mixinosê, mixinotó ou mixinô pupurina	[miʃino'ze],[miʃino'tɔ] [miʃi'no pupuri'na]	n.	esteira velha ou velho da esteira.	
Molokwá	[molo'kwa]	n.	seio.	
Monukwa	[monu'kwa]	n.	Leite	
Motô	[mo'to]	n.	terra.	
Motomburé	[motombu'rɛ]	n.	tornozelheira feita de fibra e coco de tucum.	
Motorititi	[motoriti'ti]	n.	poeira.	Ref: Lima 2005.
Mukukwa	[muku'kwa]	adj.	Bravo	
Mututi	[mutu'ti]	adj.	Pesado	
Myá	['mja]	n.	cutia.	<i>Dasyprocta azarae</i>
Manekopô	[maneko'po]	n.	colar de dente.	Ref: Cruz 2012.

N- n

Napulô	[napu'lo]	n.	Nariz	
Nó	['nɔ]	n.	coco de babaçu.	
Nokó	[no'kɔ]	adv.	Não	
Nonokwa	[nonu'k ^w a]	n.	urucum, pé de urucum.	<i>Bixa orellano.</i>
Nowa	[no'wa]	n.	Barreiro	
Noyxukwa	[nojʃu'kwa]	n.	babaçu.	<i>Orbignya phalerato.</i>
Nukutano	[nukuta'no]	adv.	Longe.	

O- o

Ó	['ɔ]	n.	rabo de animais.	
Oburé	[obu'rɛ]	n.	formiga .	<i>Iridomyrmex purpureus</i>
Okopó	[oko'pɔ]	n.	Dente	
Olaripô	[olari'po]	n.	rio, rio Paraguai.	
Olí	[o'li]	n.	formiga tucanqueira.	
Oloaré	[oloa'rɛ]	n.	cachara .	<i>pseudoplathystoma fasciatum</i>
Oloaré	[oloa'rɛ]	n.	pintado.	<i>Pseudoplathystoma coruscans.</i>
Olobô	[olo'bo]	n.	Vento	
Olobô koxiporé	[olo'bo kojipo'rɛ]	n.	Tempestade	

Ololo	[olo'lo]	adj.	magro.	
Omá	[o'ma]	n.	jeripoca .	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>
Omolukwa	[omolu'kwa]	n.	pimenteiro.	
Oré	[o're]	n.	papagaio.	
Orebutá	[orebu'ta]	v.	Nascer	
Oronurukwa	[oronuru'kwa]	n.	marmelada bola.	<i>Alibertia edulis.</i>
Oropu	[oro'pu]	n.	nadar.	
Oru	[ow'ru]	adv.	Agora.	
Oská	[Os'ka]	n.	tatu peba.	<i>Euphractus sexcintus</i>
Otí	[o'ti]	adj.	Largo	
Oto	[o'to]	n.	Lábios	
Otoiono	[otoio'no]	n.	cará grande (peixe).	
Otorutá	[otoru'ta]	n.	saliva.	
Otukwaré	[otukwa're]	n.	mutuca.	
Ozá	[o'za]	n.	boca.	
Ozaetó	[ozae'to]	adj.	Vazio	
Ozé	[o'ze]	n.	Dourado	<i>Salminus maxillosus</i>

P- p

Pakalaripô	[pakalari'po]	n.	corujinha caburé.	<i>Glaucidiumbrasilianum</i>
Pakixi	[paki'ji]	adj.	medo.	
Paré	[pa're]	n.	tucano.	<i>Ramphastos toco</i>
Páriu	['pariw]	n.	jacutinga.	<i>Pipile jacutinga</i>
Piapodô	[piapo'do]	n.	nádega.	
Pikina	[piki'na]	adj.	mau, feio,doente.	
Piripiri Biriti	[piri'piri biri'ti]	n.	abóbora.	<i>Cucurbita Mixta</i>
Piripiri	[piri'piri]	n.	melancia.	<i>Citrullus lanatus</i>
Piru	[pi'ru]	n.	mel.	
Pirukwa	[piru'kwa]	n.	tripa, intestino.	
Pitukwa	[pitu'kwa]	adj.	bom, bonito	
Pixé	[pi'fɛ]	v.	Ir	
Pixiconô	[pi'fiko'no]	n.	grilo verde.	<i>tropidacris grandis</i>
Poári	[poa'tj]	n.	cabaça, cabaceira.	<i>Crescentia cujete L.</i>
Poari kuriká	['poari kuri'ka]	n.	Chocalho pequeno.	
Podotó	[podo'to]	v.	Furar	
Poloputô	[polopu'to]	n.	onça preta.	<i>Phantera onça</i>
Popô	[po'po]	n.	pacu.	<i>Piaractus mesopotamicus</i>

Poporé	[popo'ɾɛ]	n.	corujinha.	<i>Athenecunicularia</i>
Popsé	[po'psɛ]	n.	dois (numeral).	
Porikopô	[poriko'po]	n.	panela.	
Porú	[po'ru]	n.	jaú.	<i>Paulicéa lutkeni</i>
Pozahoti	[pozaho'ti]	n.	papagaio grande	
Pukukanã	[pokuka'na].	n.	Pacu peva.	<i>Metynnis maculatus</i>
Pupirika	[pupiri'ka]	adv.	Pouco	
Pupuna	['pupuna]	n.	umbigo.	
Pupurina	[pupu'rina]	n.	Esteira	
Pupuxipá	[pupu'ʃi'pa]	n.	sarã árvore beira do rio	
Purukwá	[puru'kwa]	n.	Água	
Purukwá bolotoxixi	[puru'kwa boloto'ʃi'ʃi]	n.	café.	
Purukwá pikina	[puru'kwa pik'ina]	n.	pinga, aguardente.	

R- r

Raputo	[hapu'to]	n.	. rato.	<i>Ratus ratus.</i>
Rekapô	[reka'po]	n.	traira (peixe)	<i>Hoplias Malabaricus</i>
Rumataká	[rumata'ka]	n.	milho.	<i>Zea mays</i>

S- s

Simaye	[sima'je]	n.	Constelação	
---------------	-----------	----	-------------	--

T- t

Tapataku	[tapata'ku]	n.	Cará	<i>Dioscorea alata. L</i>
Tori	[to'ri]	n.	pedra, morro.	
Tuyna	[tuj'na]	n.	tucano vermelho.	<i>Homphastos dicolorus.</i>

U- u

Ú	[u]	n.	timbó.	<i>Ateleia glazioveana</i>
Uami	[ua'mi]	v.	Soprar	
Uaribá	[wari'ba]	n.	Queixo	
Uibá	[ui'ba]	n.	capivara.	<i>Hydrochoerus Hydrochaeris</i>

Uká	[u'ka]	n.	ralador.	
Ularipô	[ulari'po]	n.	Rio	
Urixa	[uri'ʃa]	n.	Mulher	
Utô	[u'to]	n.	Joelho	
Utojô	[uto'ʒo]	n.	mandioca.	<i>Manihot esculenta</i>
Utokimaná	[utokima'na]	n.	tuvira.(peixe)	<i>Gymnotus Carapo</i>
Utopô	[uto'po]	n.	quati.	<i>Nasua nasua.</i>
Utukuana	[wutukua'na]	n.	macaco prego.	
Utukwarepô	[utukware'po]	n.	. cigarra.	<i>Cicada orni</i>
Utuo	[u'tuo]	v.	Chorar	
Uxó	[u'ʃɔ]	n.	arara azul	<i>Ara ararauna</i>
Uxopoparé	[uʃopopa're]	n.	rio Bugres.	
Uzê	[u'ze]	n.	calango.	<i>Cnemidophorus orellifer</i>
Uzê kurika	[u'ze kuri'ka]	n.	lagartixa.	

X- x

Xipa	[ʃi'pa]	n.	Casa	
Xoaré	[ʃoa're]	n.	Areia	
Xuparí	[ʃupa'ri]	n.	Tronco	

W- w

Wajú	[wa'ʒu]	n.	jacaré .	<i>Caiman Yacaré</i>
Wapu	[wa'pu]	n.	coração.	
Wari	[wa'ri]	n.	tatu peba	<i>Euphractus sexcintus .</i>
Waripô	[wari'po]	n.	piava.	<i>Leporinus Freiderici</i>
Wassamiti	[wasami'ti]	n.	galinha.	<i>Gallus domesticus</i>
Wasse	[wa'si]	n.	não índio, homem branco.	
Wassitalô	[wasita'lo]	n.	faca, facão.	
Waxi	[wa'ʃi]	n.	jatobeiro, planta nativa chamada jatobá.	

Y- y

Yataribu	[jatari'bu]	n.	cerimônia com canto e estribilho.	Ref: Schultz 1962.
-----------------	-------------	----	--	---------------------------

Yokô	[jo'ko]	n.	Pai	
Yupuriká	[jupuri'ka]	n.	dança com as flautas.	Ref: Schultz 1962.
Yuri	['juri]	n.	subcerimonial do bakuré.	Ref: Schultz 1962.

Z- z

Zari	[za'ri]	n.	casa de festa tradicional.	
Zarokokwá	[zaroko'kwa]	n.	banana.	<i>Musa paradisiaca. L</i>
Zarotô	[zaro'to]	n.	bagre.	<i>Pimelodus maculatus</i>
Zati	[za'ti]	n.	Bicho	
Zaturu	[zatu'ru]	n.	peixe piavuçu.	
Zeiki	[zej'ki]	n.	Canoa	
Zemixi	[zemi'fi]	adj.	Cheio.	
Zimonoxiká	[zimo'fi'ka]	n.	sobrancelhas.	
Zokonó	[zo'konɔ]	n.	vaga lume.	<i>Lampyrus noctiluca</i>
Zoriká	[zori'ka]	v.	Rir	
Zorixixi	[zori'fi'fi]	n.	Fumaça	
Zorotu	[zoro'tu]	n.	cinza.	
Zoru	[zo'ru]	n.	fogo.	

7 VOCABULÁRIO PORTUGUÊS – UMUTINA

O vocabulário Português-Umutina apresenta de uma forma mais simples: o lexema é na língua portuguesa, a tradução na língua umutina e a transcrição fonética. Optamos em elaborar também o vocabulário Português Umutina para facilitar o seu uso, uma vez que os Umutina são monolíngües em português e, o acesso às demais pessoas interessadas no estudo da língua umutina. Em algumas entradas aparecem palavras compostas para distinguir a vários tipos de insetos e animais existentes no território Umutina.

A-a

Abóbora	Piripiri beriti	[piri' piri beri'ti]
Acuri	Apiew	['apiew]
Abanador	Barukwa	[baru'kwa]
Abelha axupé	Mamo	[ma'mo]
Abelha jati	Julô	[zu'lo]
Abóbora	piripiri biriti	[piri' piri biri'ti]
Abolá	coxa da perna	[abo'la]
Acuri	Apiew	['apiew]
Agora	Oru	['oru]
Água	Purukwa	[puru'kwa]
Alegre	Burixa	[buri'ja]
Alto	Daxuri	[daxu'ri]
Amarelo	Iku	['iku]
Andar	Iminu	[imi'nu]
Anta	Kwi	['k ^w i]
Anzol	Akibolô	[abio'lo]
Aranha	Bayô	[ba'jo]
Arara	Alaporé	[alapo're]

Arara azul	Uxó	[u'ɔ]
Arara vermelha	alaporé biriti	[alapo're biri'ti]
Arco	Boyká	[boj'ka]
Arco íris	Jurena	[zure'na]
Areia	juari	[sua'ri]
Arraia	Minú	[mi'nu]
Arroz	Bokokwaká	[bokokwa'ka]
Arvoré	I	[i]
Avô	Imakô mixina	[ima'ko mi'fina]
Avó	imakô mixotó	[ima'ko mi'fotó]

B-b

Babaçu	Noyxukwa	[noj'fu'kwa]
Bagre	Zarotô	[zaro'to]
Banana	Zarokokwa	[zaroko'kwa]
Barreiro	Noá	[noa]
Batata da perna	Koritiká	[koriti'ka]
Batata doce	Balarokupô	[balaroku'po]
Beber	Akutu	[aku'tu]
Beija-flor	Jyo	[zjo]
Beiju	Jukuputu	[zukupu'tu]
Bem-te-vi	Botodozé	[botodo'ze]
Biguá preto	Hibosé	[hibo'se]
Boca	Ozá	[o'za]
Bom, bonito	Pitukwa	[pitu'kwa]
Bracelete para mulher	Minaká	[mina'ka]
Braço	Ixô	[i'o]
Branco	Ixakala	[j'ila'ka]

Bravo	Mukukwa	[muku'kwa]
Brigar	Imukukwa	[imuku'ka]
Brincar	Azalu	[azalo'ru]
Brinco de argola de coco com longas penas coloridas	Mintotanobô	[mintotano'bo]
Buraco	Bozá	[bo'za]

C-c

Cabaça, cabaceira	Poári	[poa'ri]
Cabeça	Azo	['azo]
Cabelo	Boloxó	[bolo'ʒɔ]
Cachara	Oloaré	[oloa're]
Cachorro, cão	Arikau, arikabô	[ari'kaw, arika'bo]
Café	purukwa bolotoxixi	[puru'kwa boloto'ʃiʃi]
Cágado	Hupsé	[hu'pse]
Caititu	Joá	[ʒo'a]
Calango	Uzê	[u'ze]
Caminho	Ixabalá	[iʃaba'la]
Campo	Baku	[ba'ku]
Cana de açúcar	Bixó	[bi'ʒɔ]
Canoa	Zeiki	[zei'ki]
Cansado	Aikwamiti	[aikwami'ti]
Capivara	Uibá	[ui'ba]
Cará	Tapataku	[tapata'ku]
Cará grande (Peixe)-	Otoiono	[otoio'no]
Cará	Tapataku	[tapata'ku]
Carrapato	Boykanu	[bojka'nu]
Casa de festa tradicional	Zarí	[za'ri]

Casar	Alaré	[ala're]
Casa	Xipá	[i'pa]
Cérebro	Alatiti	[alati'ti]
Cesta	Matapi	[mata'pi]
Céu	Barotô	[baro'to]
Chapéu velho-	kolo kolo	[ko'lo ko'lo]
Cheio	Zemixi	[zemi'fi]
Chicha, bebida tradicional do povo indígena	Jolorukwa	[zoloru'kwa]
Chocalho pequeno	poári kurika	[poa'ri kuri'ka]
Chorar	Utuo	[u'tuo]
Chuva	Boyná	[boj'na]
Cigarra	Utukwarepô	[utukware'po]
Cinza	Zorotu	[zoro'tu]
Cobra surucucu	Hebu	[he'bu]
Cobra verde	Etari	[eta'ri]
Cobra	Ebaki	-[eba'ki]
Cocar de pena	Hakikano	[hakika'no]
Coco de babaçu	Nó	[no]
Colar de dente	Manekopô	[maneko'po]
Colar de semente preta e vermelha	aká beriti	[a'ka beri'ti]
Colar	Hutalaká	[hutala'ka]
Comer	Ihô	[i'ho]
Comprido	Baxuri	[ba'fu'ri]
Concha, colar de concha	Atukwa	[atu'kwa]
Constelação	Simaye	[sima'je]
Coração	Wapu	[wa'pu]
Corda	Boikô	[boi'ko]

Correr	Hitu	[hi'tu]
Corujão	Kuyotô	[kujo'to]
Corujinha caburé	Pakalaripô	[pakalari'po]
Corujinha	Poporé	[popore]
Costas	Ipupuruna	[ipupuru'na]
Costela	Julaká	[zula'ka]
Criança, bebê	abiolô kuriká	[abio'lo kuri'ka]
Cupim	Kaymo	[kaj'mo]
Curiangu	Ariabô	[aria'bo]
Curimbatá	Dô	['do]
Cutia	Mya	[mja]

D-d

Dança carregando estandartes com símbolo de peixe	Atilakakano	[atilaka'no]
Dança com aros de palha	Hapuyana	[hapuja'na]
Dança com máscara de cabelo	Lorunó	[loruno]
Dança com máscaras grandes	Hátori	[hato'ri]
Dança com flautas sagradas ou caça da anta	Manixuaré	[mani'ua're]
Dança com flautas	Yupuriká	[jupuri'ka]
Dança com símbolos, de disco de palha representando a caça	Arixinó	[arixi'no]
Dança das andorinhas	Jikirinó	[zikiri'no]
Dança de arco	Boyká	[boj'ka]
Dança do Martim pescador	Katamá	['katama]
Dança guerreira	Akakôna	[akako'na]
Dançar	Imatati	[imata'ti]
Dente	Okopó	[oko'po]
Deus, ser supremo, criador	Haipuku	[haipu'ku]
Diadema de pena, cocar de penas	Bolo	[bo'lo]
Dois (numeral)	Popsé	[po'pse]

Dormir	Inutu	[inu'tu]
Dourado (peixe)	Ozé	[o'ze]

E-e

Embira	Imoy	[i'moj]
Escama	Botoká	[boto'ka]
Espiga de milho	Ilaká	[ila'ka]
Esteira velha ou velho da esteira	mixinosê, mixinotó ou mixinô pupurina	[miʃino'ze], [miʃino'to], [miʃi'no pupu'rina]
Esteira	Pupurina	[pupurina]
Estrela	Barokolotô	[barokolo'to]
Eu	Imi	[i'mi]

F-f

Faca, facão	Wassitalô	[wasita'lo]
Falar	Amataré	[amata're]
Farinha	Jukuparika	[zukupari'ka]
Fazer, preparar	Amati	[ama'ti]
Feijão fava	Lumataká	[lumata'ka]
Feio, mau, doente	Pikina	[piki'na]
Fígado	A	['a]
Filha	Abiolotá	[abiolo'ta]
Filho	Abiolô	[abio'lo]
Flauta de buriti ou taquara	Iponá	-- [ipo'na]
Flecha	Ixó	- [i'ʃo]
Fogo	Zoru	[zo'ru]
Foice	Inapozanotu	[inapozano'tu]
Folha de arvoré ou planta	Ipwazano	[ipwaza'no]
Formiga	Oburé	[obu're]
Formiga tucanguira	Oli	['oli]
Frio	Baketá	[bake'ta]
Fumaça	Zorixixi	[zoriʃi'ʃi]
Fundo	Kupuxixi	[kupuʃi'ʃi]
Furar	Podotó	[podo'to]

G-g

Galinha	Wassamiti	[wasami'tɨ]
Garça branca	Bakalana	[bakala'na]
Gato	Aikú	[aj'ku]
Gavião real	Aipossepá	[ajpose'pa]
Girau	Kapana	[kapa'na]
Gordo	Amuxixi	[amuʃi'ʃi]
Grande	Koxiporé	koʃipo're]
Grilo verde	Pixiconô	[piʃiko'no]

H-h

Homem branco , não índio	Wasse	[wa'si]
Homem, macho, marido	Barepô	[bare'po]

I-i

Iguana	Heribé	[heri'be]
Irmã	Amalató	[amala'to]
Irmão	Amalá	[ama'la]
Ir	Pixé	[pi'ʃe]

J-j

Jabuti	Jirikiki	[ʒiriki'ki]
Jacaré	Wajú	[wa'ʒu]
Jacutinga	Pariu	[ʔpariw]
Jaguaririca	aikú kuriká	[aj'ku kuri'ka]
Jaó	Huô	[hu'o]
Jatobeiro	Waxi	[wa'xi]
Jaú	Poru	[po'ru]
Jenipapo maduro	Beurukwa	[beuru'kwa]
Jenipapo	Bê	[ʔbe]
Jequitibá	Hutey	[hutej]
Jeripoca	Omã	[o'ma]
Joelho	Utô	[u'to]

L-l

Lábios	Oto	[o'to]
Lagarto	Amemá	[ame'ma]
Lambari	Alotoré	[aloto're]
Largo	Otí	[o'ti]
Leite	Monukwa	[monu'kwa]
Limoeiro	Borupurukwa	[borupuru'kwa]
Língua	Erukwa	[eru'kwa]
Longe	Nukutano	[nukuta'no]
Lua	Ari	[a'ri]

M-m

Macaco bugio	Épajio	[epa'jio]
Macaco prego	Utukwana	[utukwa'na]
Macaco preto, quatá	Barixi	[bari'ji]
Macaco sawin	Abobi	[abo'bi]
Machado	Apalo	[apa'lo]
Mãe	Imakó	[ima'ko]
Magro	Ololo	[olo'lo]
Mandioca	Utojô	[uto'zo]
Mão de pilão	Kaypo	[kajpo]
Mão, dedo	Ijilá	[izi'la]
Maribondo	Alopasê	[alopa'se]
Marmelada bola	Oronurukwa	[oronuru'kwa]
Marmelada espinha	Ayjorukwa	[ajzorukwa]
Martim pescador (ave)	Katamá	[katama]
Mato	Ixulá	[izu'la]
Medo	Pakixi	[paki'ji]
Melancia	Piripiri	[piri'piri]
Mel	Piru	[pi'ru]
Milho	Rumataká	[humata'ka]
Minhoca, verme	Apiturukwá	[apituru'kwa]
Morrer	Biamutu	[biamu'tu]
Mosca	Hurume	[huru'me]
Mosquito	Barikurika	[barikuri'ka]
Muito	Makewa	[make'wa]
Mulher	Urixa	[uri'ja]

Mutuca	Otukwaré	[otukwa're]
Mutum	Hubê	[hu'be]

N-n

Nádega	Piapodô	[piapo'do]
Nambu	Dibotô	[dibo'to]
Não	Nokó	[no'ko]
Nariz	Inapolô	[inapo'lo]
Nascer	Orebutá	[orebu'ta]
Nuvem	Borotô	[boro'to]

O-o

Olho	Irikixi	[iriki'fi]
Onça parda	Aiko	[aj'ko]
Onça pintada	Ajukuyta	[azukuj'ta]
Onça preta	Poloputô	[polopu'to]
Orelha	Bia	[bi'a]
Oso de animal	Laká	[la'ka]
Ouriço	-hibê	[hi'be]
Ovo	bá	[ba]

P-p

Paca	Apo	[apo]
Pacu peva	Pukukanã	[pupuka'na]
Pacu	Popô	[po'po]
Pai	Imakô	[ima'ko]
Panela	Porikopô	[poriko'po]
Papagaio grande	Pozahoti	[pozaho'ti]
Papagaio	Ore	[ore]
Pau de madeira	Ipu	[i'pu]
Paud'alho	Boreboê	[bore'boe]
Pé	Aboré	[abo're]
Peças feitas de argila	Kurikupu	[kuriku'pu]
Pedra, morro	Tori	[to'ri]
Peixe	Haré	[ha're]
Pele	Birika	[biri'ka]

Peneira	Ixilaká	[iʃila'ka]
Pequeno, pequena	Kuriká	[kuri'ka]
Pequizeiro	Hew	[hew]
Peraputanga	Alarekoré	[alarekore]
Perereca	Iwena	[iwe'na]
Periquito	Kixó	[ki'ʃo]
Perna	abolá	[abo'la]
Pesado	Matuti	[matu'ti]
Piava	Waripô	[wari'po]
Piavuçu (peixe)-	Juminá	[zumi'na]
Pilão	Kasakopô	[kasako'po]
Pimenta do mato	Biri	[biri]
Pimenteiro	Omolukwa	[omolu'kwa]
Pinga	purukwa pikina	[puru'kwa piki'na]
Pintado (peixe)	Oloaré	[oloa're]
Piranha	Bujé	[bu'ze]
Poeira	Motorititi	[motoriti'ti]
Porco do mato, queixada	Botorikaré	[botorika're]
Pouco	Pupirika	[pupuri'ka]
Preto, escuro, noite	Bolotoxixi	[bolotoʃi'ʃi]

Q -q

Quati	Utopô	[uto'po]
Quebrar	Ható	[ha'to]
Queixo	Uaribá	[uari'ba]
Quente	Baru	[ba'ru]

R-r

Rabo de animais	Ó	[o]
Ralador	Uká	[u'ka]
Raposa	Akokôno	[akoko'no]
Rato	Haputo	[hapu'to]
Rio Bugres	Uxopoparé	[oʃopopa're]
Rio dezoito	Élotinoparé	[ɛlotinopa're]
Rio, rio Paraguai	Olaripô	[olari'po]
Rir	Izareka	[izare'ka]

Roça	Jô	[ʒo]
Roupa, vestimenta	Ametá	[ame'ta]
Roxo	Elatinó	[elati'nɔ]

S-s

Saia	Ametá	[ame'ta]
Saliva	Otorutá	[otoru'ta]
Sangue	Kokwa	[ko'kwa]
Sapo	Balaru	[bala'ru]
Saurú	Apala	[apa'la]
Seio	Molokwa	[molo'kwa]
Semente	Aká	[a'ka]
Sentar	Amukutu	[amuku'tu]
Sol	Meni	[me'ni]
Soprar	Uami	[ua'mi]
Sucuri	Juré	[ʒu're]

T-t

Tamanduá bandeira	Bué	['bue]
Tamanduá mirim	Apô	[a'po]
Taquara	Katapê	[kata'pe]
Tatu peba	Wari	[wa'ri]
Tatu	Oská	[os'ka]
Tempestade	olobô koxiporé	[olo'bo kufipo're]
Terra	Moto	[mo'to]
Timbó	Ú	['u]
Tornozelheira feita de fibra e coco de tucum	Motomburé	[motombu're]
Tosse, tossir	Koyakoré	[kojako're]
Traira	Rekapô	[reka'po]
Trazer, pegar	Atabé	[ata'be]
Tripa, intestino	Pirukwa	[piru'kwa]
Tronco	Xupari	[ʃupa'ri]
Trovão	boyná mataré	[mata're]
Tucano vermelho	Tuyna	[tuj'na]
Tucano	Pare	[pa're]

Tuiuiú	Mataya	[mata'ja]
Tukumã	Hay	['haj]
Tuvira	Utokimaná	[utokima'na]

U-u

Umutina	Balatiponé	[balatipo'nɛ]
Urubu	Balatu	[bala'tu]
urucum, pé de urucum	Nonokwa	[nonu'kwa]

V-v

Verde	Aki	[aki]
Vermelho	Beriti	[beri'ti]

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo registrar itens lexicais da língua umutina, por meio da elaboração de um vocabulário bilíngue escritas nas duas línguas Umutina - Português e Português – Umutina. Para tanto, contamos com a colaboração de dois anciãos remanescentes dos Umutina que ainda se lembram de parte do léxico falado pelos seus antepassados. Os anciãos, apesar de não falarem entre si a língua umutina, lembram-se de palavras e pequenas frases faladas por seus antepassados.

Acreditamos que o vocabulário registrado aqui será útil nas escolas de ensino bilíngue existentes nas aldeias Umutina, bem como, para ser utilizado na elaboração de materiais didáticos. Além de constituir em um patrimônio para a identidade linguística e cultural do povo Umutina, tendo em vista que o vocabulário umutina – português e o vocabulário português – umutina podem contribuir para o conhecimento e valorização desta língua indígena, a qual ainda requer novos estudos.

Apesar de os Umutina terem como a primeira língua o português, ressaltamos a importância do ensino da língua umutina, mesmo que parcialmente, para que se preserve a identidade linguística e para que as próximas gerações possam conhecer a língua do seu povo.

O valor do vocabulário Umutina-Português e Português-Umutina vem ao encontro da revitalização da língua que os professores Umutina já vem desenvolvendo na escola, haja vista que se passaram muitos anos sem falarem a língua materna porque foram proibidos pelo antigo órgão do governo chamado SPI (Serviço de Proteção ao Índio) que tinha como objetivo a integração do índio à sociedade nacional, negando-lhes o direito de manifestarem suas tradições culturais e linguísticas. E com a intensificação do contato com a sociedade envolvente, passaram a falar somente o português que é a língua nacional do país.

Criar um vocabulário bilíngue não foi fácil, devido ao estágio em que a língua se encontra, pois há somente dois anciãos Umutina que ainda se lembram da língua falada pelos seus antepassados. E, também, devido à idade deles, a memória já não contribui, e muito do léxico já foi esquecido por eles. As demais pessoas da comunidade falam somente o português, portanto, pudemos registrar somente o que ainda resta da língua umutina. Vale ressaltar que para este estudo, pude contar também com outros registros publicados sobre a língua materna.

A organização deste trabalho considerou informações pertinentes sobre o povo, a cultura, a escola umutina, os professores e a língua, considerando o passado e a atualidade do povo. Sobre a importância do papel da lexicografia e lexicologia para a elaboração de um dicionário, trouxe ainda, um estudo sobre o aspecto linguístico umutina: a fonética e a fonologia umutina e a classe de palavras maiores, como o nome, adjetivo, verbo e advérbio. A respeito da estrutura do vocabulário Umutina-Português, fundamentamo-nos em aspectos da macroestrutura, microestrutura, entrada dos verbetes, como ficou organizado.

Acredita-se que a realização desse estudo trouxe contribuições teóricas e práticas, ampliando o conhecimento da língua umutina para o povo e também contribuindo com o registro das línguas indígenas que hoje estão ameaçadas de extinção e que merecem ser evidenciadas. Por fim, é um estudo que trará mais conhecimento sobre as línguas indígenas do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Lucybeth Camargo de. **Posto fraternidade indígena**. Estratégias de civilização e táticas de resistência 1913-1945. Dissertação de mestrado em História. UFMT, 2003.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: Uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.
- CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. **Uma proposta de dicionário para língua Ka'apór**. Tese de doutorado. Brasília, UnB, 2009.
- CALVET, Louis –Jean. **Sociolinguística**. Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CRUZ, Monica Cidele da. “ **Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural**”. Tese de doutorado. UNICAMP, SP, 2012.
- FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Estudo lexical da língua matis-subsídios para um dicionário bilíngue**. Tese de doutorado. UNICAMP, SP, 2005.
- HUARE, Ducinéia Tan. **A pintura corporal Umutina e a escola**. Monografia. Faculdade Indígena Intercultural. Barra do Bugres – MT, 2010.
- LIMA, Stella Telles. **A língua Umutina. “um sopro de vida”**. Dissertação de mestrado. Recife, UFPE, 1995.
- MARIANI, Bethania. **Colonização Linguística**. Campinas: Pontes, 2004 paulista. Nova série, 13. São Paulo, 1962.
- QUEZO, Luizinho Ariabô. **Construção de frase na língua Umutina a partir de seus elementos culturais**. Monografia 2010. Faculdade Indígena Intercultural. Barra do Bugres-MT.
- RODRIGUES, A. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 2002.
- SCHMIDT, Max. **Los barbados os Umutina em Mato grosso**. Revista de La Sociedad científica Del Paraguai, n.5,p.1-51, 1941.
- SCHULTZ, Harald. **Informações etnográficas sobre os Umutina**. Revista do museu _____ . **Vinte e Três Índios resistem à civilização**. Melhoramentos. 1953

_____. **Vocabulário dos índios Umutina.** Journal de La société des amériacanistes de Paris. Paris, v.41, p. 81-137, 1952.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários para uma pequena introdução à lexicografia.** 2. Ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

TELLES, Stella. **A flexão nominal em umutína.** In: Rodrigues, Aryon Dall'Igna. CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. (Orgs). Língua e culturas Macro-Jê. Brasília, 2007.

ANEXOS

Anexo A: Termos de consentimento livre dos colaboradores da pesquisa da Língua umutina.

 ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA 

- Explicar procedimentos, intervenções, tratamentos, métodos alternativos (atualmente em vigor);
- Esclarecimento do período de participação, término, garantia de sigilo, direito de retirar o Consentimento a qualquer tempo. Em caso de pesquisa onde o sujeito está sob qualquer forma de tratamento, assistência, cuidado, ou acompanhamento, apresentar a garantia expressa de liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual.

Local e data: 03 de setembro de 2014

Nome Joaquim Kupodonepá

Endereço: Aldeia umutina - Barra do Bugre
M.T.

RG/ou CPF 488459731-15

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Responsável pela Pesquisa: Quirina Tan Huor

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221 0080 –
E-mail: cep@unemat.br


COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CEP - UNEMAT



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



- Explicar procedimentos, intervenções, tratamentos, métodos alternativos (atualmente em vigor);
- Esclarecimento do período de participação, término, garantia de sigilo, direito de retirar o Consentimento a qualquer tempo. Em caso de pesquisa onde o sujeito está sob qualquer forma de tratamento, assistência, cuidado, ou acompanhamento, apresentar a garantia expressa de liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual.

Local e data: 03 de setembro de 2014

Nome Antonio rapadonepá

Endereço: Aldeia Vmútina - Barra de Augas
M.T

RG/ou CPF e PF: 802207201_00

Assinatura do sujeito ou responsável: Antonio Rapadonepa

Responsável pela Pesquisa: Wlucineia Tan Huare

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT

Tel: (65) 3221 0080 –

E-mail: cep@unemat.br



Ofício nº 002/2014 Aldeia Umutina, 15 de outubro de 2014.

Para: Comitê de Ética da UNEMAT de Cáceres.

Da: Aldeia Umutina/ Barra do Bugres- MT

Assunto: Autorização de pesquisa acadêmica na terra Indígena Umutina

Prezado coordenador do CEP,

Sirvo me do presente informar a vossa senhoria que a senhora Ducinéia Tan Huare, da etnia Umutina está cursando mestrado em linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na cidade de Cáceres, a mesma é indígena, professora e moradora desta comunidade. A comunidade Umutina está informada do seu estudo e de pleno acordo da pesquisa acadêmica na terra indígena Umutina, uma vez ficou firmado na comunidade que a pesquisa seria liberada somente para estudantes indígenas.

Sem mais nada a informar, e desde já agradecemos e contamos com a vossa colaboração.

Atenciosamente,

Cacique da Aldeia Umutina

Lucimar Calomezoré

Lucimar Calomezoré

Anexo B: Parecer do CNPq.

Nome: Ducinéia Tan Huare

Título: Contato de Línguas: a situação linguística Umutina

PARECER 1:

A proponente é Umutina, estudante, já trabalha em um projeto de pesquisa sobre a realidade sociolinguística desse povo e solicita ao CNPQ parecer científico que conte positivamente para o processo que encaminhará a FUNAI para acesso à área indígena do seu povo. A orientadora assina a carta de apresentação da própria interessada.

O objetivo Geral da pesquisa é estudar os aspectos históricos e linguísticos da comunidade indígena Umutina de Barra do Bugres - MT. Pretende também refletir sobre as razões que levaram o povo Umutina a ter a língua portuguesa como primeira língua (L1); analisar as práticas de linguagem de anciãos, jovens e crianças que tenham convivido em ambiente de línguas em contato; descrever os traços linguísticos resultantes do contato multilíngue na comunidade.

É muito importante que professores indígenas desenvolvam pesquisas sobre suas próprias línguas e culturas. A proposta apresentada pela proponente é satisfatória e há uma supervisão definida para o seu trabalho. A orientadora doutorou-se Unicamp com uma tese sobre uma outra língua indígena.

Endosso a solicitação da pesquisadora na expectativa de que cresça profissionalmente e que os resultados de sua pesquisa lhe ofereça subsídios para atuar nas escolas Umutina, ajudando as novas gerações Umutina a vencer todos os obstáculos que encontram como indígenas com as perdas linguísticas que sofreram em sua história.

Parecer favorável à entrada em área indígena.

PARECER 2:

O projeto 'Contato de Línguas: a situação linguística Umutina' visa em seu objetivo geral estudar os aspectos históricos e linguísticos da comunidade indígena Umutina de Barra do Bugres - MT. Seus objetivos específicos são: (1) refletir sobre as razões que levaram o povo Umutina a ter a língua portuguesa como primeira língua (L1); (2) analisar as práticas de linguagem de anciãos, jovens e crianças que tenham convivido em ambiente de línguas em contato; e (3) descrever os traços linguísticos resultantes do

contato multilíngue na comunidade. A justificativa do projeto apresenta o interesse da pesquisadora com o tema de estudo proposto: registrar e entender melhor o processo histórico, linguístico e cultural sobre a variedade linguística falada na Aldeia Umutina, ainda pouco discutida e estudada, segundo a estudiosa. O desejo dela é investigar e descrever a variação linguística observada no português falado na comunidade Umutina. A metodologia do projeto está bem definida. Já com relação à fundamentação, sugiro que a pesquisadora busque leituras sobre morte e extinção de línguas, sobre os processos históricos de contato lingüísticos, sobre as razões pelas quais comunidades indígenas monolíngües em sua língua materna se tornaram bilíngües, e posteriormente, monolíngües em português. Comunidades que, por razões externas (sociais), passam do bilinguismo ao monolinguismo. É importante investigar os pressupostos teóricos que tratam da perda linguística total ou parcial e seus principais fatores externos. Os estudos aqui sugeridos indicam que, nestes casos, a perda de línguas é menos propriamente resultado de questões linguísticas, e mais de questões sociais, educacionais, ideológicas, políticas, econômicas, entre outras, fato que ratifica o caráter social das línguas e de suas variedades. Estudar português como primeira língua em comunidades indígenas implica uma grande contextualização social e histórica. Diante do exposto, e considerando que a pesquisadora atendeu à solicitação feita no parecer anterior, sou de parecer favorável à aprovação de seu pedido.

Anexo C: Documento de autorização da Funai para pesquisa em Terra Indígena Umutina.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
PRESIDÊNCIA

Setor Bancário Sul, quadra 02, lote 14 – Edifício Cleto Meireles, 13º andar
CEP: 70070-120 Brasília/DF
Telefone: (61) 3247.6013/6014 – E-mail: presidencia@funai.gov.br

Ofício nº 427/2014/GAB/PRES/FUNAI-MJ



Proc. N.º	83191/13
Fis.	42
Rubrica	[assinatura]

Brasília, 25 de setembro de 2014.

À Senhora
DUCINÉIA TAN HUARE
Aldeia Umutina
78.390-000 – Barra do Bugres/MT

Assunto: **Ingresso em Terra Indígena/Proc. nº 08620.083191/2013-74.**

1. Cumprimentando-a cordialmente, estamos encaminhando em anexo a Autorização nº 080/AAEP/PRES/2014, original.
2. Ressaltamos que o objetivo desta Autorização é para realizar o projeto de pesquisa de mestrado intitulado “*Contato de línguas: a situação linguística Umutina*”, na Terra Indígena Umutina.

Atenciosamente,

LUCIANA NOGUEIRA NOBREGA
Chefe de Gabinete



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
AUTORIZAÇÃO PARA INGRESSO EM TERRA INDÍGENA

Proc. N.º 83191/13
 Fls. 41
 Rubrica [assinatura]



Nº 080/AAEP/PRES/2014

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Ducinéia Tan Huare	Processo: 08620.083191/2013-74
Nacionalidade: brasileira	Identidade: RG 10.70505-8 SSP/MT
Instituição/Entidade: Universidade do Estado de Mato Grosso	
Patrocinador:	

OBJETIVO DO INGRESSO

Desenvolver o projeto de pesquisa de mestrado intitulado “*Contato de línguas: a situação linguística Umutina*”.

EQUIPE DE TRABALHO

Nome	Nacionalidade	Documento

LOCALIZAÇÃO

Terra Indígena: Umutina	Etnia: Umutina
Coordenação Regional: Cuiabá – MT	CTL: Barra do Bugres – MT

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO

Início: 25 de setembro de 2014	Término: 25 de setembro de 2016
---------------------------------------	--

OBSERVAÇÕES

*Esta autorização está vinculada ao Termo de Compromisso, fl. 28, do Processo FUNAI, no que se refere ao uso de imagem, som e som de voz dos indígenas;

*Esta autorização não inclui acesso ao Conhecimento Tradicional Associado-CTA a biodiversidade.

*Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas - AAEP/Presidência/FUNAI, duas cópias da monografia, relatórios, artigos, livros, gravações, imagens e outras produções oriundas do trabalho realizado.

Autorizo.

Brasília, 25 de setembro de 2014.

.....
Maria Augusta Boulitreau Assirati
 Presidenta da FUNAI - Interina